

Francisco Faus

A DESPEDIDA DE JESUS
Meditações em tempos de confinamento

Apresentação

Recolhem-se neste livro 28 meditações, que foram gravadas em *podcast*,¹ durante os meses de confinamento obrigatório por causa da pandemia do coronavírus.

A finalidade dessas pregações era ajudar a viver com paz, na companhia de Cristo, os sacrifícios e limitações que a quarentena prolongada impunha.

Não quis, porém, limitar o foco aos conflitos e problemas causados pela pandemia, ainda que, nas meditações, se aluda várias vezes a eles.

Achei que seria preferível seguir o conselho da *Carta aos Hebreus*, escrita em circunstâncias angustiantes de perseguição contra os cristãos da Palestina: *manter os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé* (Hb 12,1).

Creio que, ao lado dos relatos sobre a Paixão de Cristo, não há, em todo o Novo Testamento, um texto que nos faça conhecer mais a fundo o coração de Cristo e seu amor por nós do que o longo diálogo de despedida de Jesus com seus apóstolos, tal como o descreve São João — de forma tocante e detalhada — nos capítulos 13 a 16 do seu Evangelho.

Neste livro, como fizemos oralmente nos *podcasts* que estão na base dele, iremos meditando e orando, quase que parágrafo por parágrafo, esses quatro capítulos.

O texto do livro, no entanto, não é uma simples transcrição das pregações dos *podcasts*, mas — mantendo exatamente o mesmo conteúdo — uma adaptação do estilo daqueles comentários verbais ao estilo de um texto para publicação em forma de livro.

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra!

Primeira meditação: Amou até o fim

Esta é a primeira de uma série de meditações breves sobre umas horas importantes na vida de Jesus, tal como as descreve com detalhe São João nos capítulos 13^o a 16^o do seu Evangelho. Trata-se das últimas horas que Jesus passou conversando com seus apóstolos durante a Última Ceia, na intimidade do Cenáculo, antes de se iniciar o drama da Paixão.

¹ Essas meditações podem ser ouvidas no *Spotify*, *Deezer* e *Anchor*, e algumas delas no *SoundCloud* e no *YouTube*, procurando pelo perfil *padrefaus*.

São João começa a descrever esses momentos dizendo: *Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo 13,1).

Na Ceia, João estava à mesa junto de Jesus — reclinado como todos os outros em almofadas, segundo o costume —, e estava tão perto que, num dado momento, quando quis perguntar discretamente a Jesus o nome do traidor, teve que fazê-lo encostando a cabeça sobre o peito dele. Sua memória dessas horas é, portanto, preciosa para nós.

Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Essas palavras tocam profundamente a alma. Eu confesso que gosto de meditá-las com frequência e sempre me impressionam. *Tendo amado os seus...* Que definição maravilhosa de uma vida que, agora, na terra, está chegando ao fim. Amou os “seus”, especialmente os que lhe eram mais chegados: sua Mãe, Santa Maria; São José, que cuidou dele com carinho de pai; todos os discípulos, as santas mulheres, e os doze apóstolos que agora se encontravam com ele à mesa.

Os Doze o tinham acompanhado dia após dia, durante três anos; tinham ouvido sua pregação do Reino de Deus; extasiaram-se, contemplando o resplendor divino da sua glória no Monte Tabor; testemunharam curas e milagres; viram a ternura, a compreensão, a paciência, a doação total que brotavam do Coração humano de Cristo, inundado pelo amor divino. Tinham, portanto, tudo para vislumbrar o que significava *amar até o fim*. Mas não tinham visto ainda o cume máximo desse amor. Jam vê-lo agora.

Com certeza, ficaram intrigados ao perceber o capricho muito especial com que Jesus quis preparar aquela Ceia pascal. Jesus falava daquela Páscoa como de coisa sonhada desde fazia muito tempo. *Direis ao dono da casa: “O Mestre te pergunta: onde está a sala em que comerei a Páscoa com os meus discípulos?” E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala, provida de almofadas; preparai ali* (Lc 22,11-12). Falava do Cenáculo como se o estivesse vendo.

O Evangelho continua: *Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer”.* Era um sonho, sim! Um sonho acalentado longamente por Jesus, pois seria a hora do *amor até o fim* daquele que tinha amado tanto.

E tomou um pão, deu graças, partiu-o e o distribuiu a eles dizendo: “Isto é o meu corpo, que é entregue por vós. Fazei isto em minha memória”. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22,1-20).

Os apóstolos emudeceram. Seus olhos se abriam de assombro e de emoção, quando Jesus pessoalmente lhes deu a Eucaristia. Perceberam toda a riqueza daquele milagre inefável? Provavelmente, não. Só depois, com a ajuda do Espírito Santo, deram-se conta de que Cristo fundiu, no mistério

eucarístico, a doação de seu corpo e sangue como alimento, e o sacrifício expiatório da Cruz: *corpo entregue, sangue derramado*.

Se nós abrissemos os olhos da alma, despertando do torpor da tibieza, se soubéssemos enxergar aí “a maior doação de Deus aos homens”, como dizia São Josemaria, cairíamos de joelhos agora mesmo, em adoração e ação de graças.

Perante essa maravilha indescritível, que Jesus quis perpetuar na Missa, na Comunhão e no Sacrário, não precisamos de fazer nenhum esforço para entender, como uma evidência, o que São João escreveu na sua primeira Carta: *Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou primeiro e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados* (1Jo 4, 8-10).

Vamos gravar na alma hoje o primeiro versículo deste capítulo 13º de São João: *Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-o até o fim*. Acompanhando a sequência desse Evangelho, iremos considerando esse seu amor em todas as próximas meditações.

Eu peço a Deus que esses momentos de reflexão e oração nos ajudem, nos dias difíceis da quarentena da Covid-19, a não ficarmos debruçados sobre nós mesmos, lamentando as nossas limitações, privações e padecimentos. Tiremos do olhar o foco egoísta, e fixemo-lo no amor de Cristo; e, junto com ele, em todos os que ele ama, nos nossos irmãos e irmãs. Esta é a melhor medicina para os “confinados”; e para todos, ao longo da vida, que deveria continuar exatamente com o mesmo foco quando voltarmos à normalidade.

Segunda meditação: Jesus lava os pés aos apóstolos

Vale a pena lembrar de novo que São João começa a contar as últimas horas de Jesus com seus apóstolos, colocando um facho de luz que as ilumina todas: *tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo 13,1).

Vamos prosseguir com a meditação desse capítulo 13º do Evangelho de João. Há uma riqueza especial neste capítulo e nos seguintes. Peçamos a Jesus que nos ajude a compreendê-la.

Após a introdução citada, João começa a descrever: *Durante a Ceia, quando o diabo já pusera no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido* (Jo 13,2-5).

Toda Quinta-feira Santa, durante a “Missa da Ceia do Senhor”, celebra-se a cerimônia do lava-pés, que evoca este momento da vida de Cristo. Procuremos agora olhá-lo com olhos novos, como se nunca tivéssemos ouvido falar nele.

Ao contemplar Jesus que se ajoelha aos pés de cada apóstolo, prestando-lhes um serviço que estava reservado aos criados ou escravos de menor categoria, é natural que sintamos espanto e até repulsa. Sai da nossa alma como que um grito: “Como é possível? Aqui está o Filho de Deus, o Verbo divino, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, que se encarnou no seio puríssimo de Maria, humilhado como o último dos servos”.

Pense que Jesus não fez esse gesto de maneira inconsciente, como que movido por uma súbita emoção, tocado por uma faísca sentimental de carinho na hora da despedida dos seus amigos. Bem claro deixa dito São João que ele estava com a plena consciência de quem era: *sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava*. Ele próprio, depois, como veremos, vai comentar a intenção totalmente lúcida com que o fez.

É natural que os apóstolos tenham ficado pasmados ao ver o seu Senhor abaixando-se daquele modo. É possível que alguns deles se lembrassem então das repetidas vezes em que discutiram entre si sobre qual deles seria o maior no Reino de Cristo (cf. Mt 20,20 ss.; Mc 9, 35; Lc 22,14-27); e recordariam a repreensão que Jesus sempre lhes fez, insistindo com estas ou semelhantes palavras: *Sabeis que os que governam as nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim; aquele que quiser ser o primeiro entre vós, seja o vosso servo. Pois o Filho do Homem [Cristo] não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos* (Mt 20, 25-28).

Jesus não quer ser grande, só quer amar e salvar. E nós? Jesus, que é *manso e humilde de coração* (Mt 11,29), deseja que nós sigamos os seus passos. *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas* (ibid.).

Meu Deus! Nós, movidos pelo egoísmo e pelo orgulho, vamos instintivamente pelo caminho contrário. Jesus nos diz: *Segue-me!* E nós viramos-lhe as costas, brigando para ver se somos mais do que os outros, querendo ganhar precedência sobre os demais, esperando que eles nos sirvam e nós não tenhamos que servi-los.

Entre marido e mulher, quantas vezes não há divergências, brigas, momentos tensos, porque ele quer prevalecer, e fala rude e grosso; e ela também quer prevalecer, e sente-se diminuída, incompreendida ou desprezada a cada pedido ou reclamação que lhe fazem. Isso é tão próprio do espírito humano quando não pensa em Deus!

Grande parte das pessoas não querem pensar em “dar-se”, amando, não desejam fazer como Jesus: viver fazendo o bem aos que precisam dele, a todos, pois todos precisam — o bem físico, o bem moral, o bem espiritual —, e

passar pela vida semeando paz, doação, amor. Os que pensam como Jesus parecem loucos, seres de outro planeta, num mundo em que muitos falam, bradam, berram, sobre direitos, reivindicações, protestos..., e quase nunca se ouve falar em deveres.

Penso que, atualmente, um dos aspectos positivos da pandemia é que ela evidenciou que, apesar do que acabo de dizer, há também muita gente boa; há milhares de pessoas anônimas que — quando apalpm as necessidades graves dos outros — não hesitam em servi-los, trabalhando até à exaustão, arriscando a saúde e a vida, sacrificando até o mais elementar direito ao descanso.

Com razão, todos estamos rezando por eles, com muito agradecimento, e pedimos a Deus que os proteja (médicos, enfermeiras, auxiliares de enfermagem, responsáveis pela segurança, pelos serviços essenciais, pela solução de urgências de alimento e saúde...). Que Deus os abençoe mil vezes. Têm toda a razão os que, em muitas cidades, dedicam uns momentos diários, através das janelas do seu confinamento, a bater palmas e agradecer tantos servidores.

Eles são um reflexo de Cristo. Eles, com o Espírito Santo inspirando sua boa vontade, aprenderam a lição que Jesus quis gravar no coração de todos, depois do lava-pés: *Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e de Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos exemplo para que, como eu vos fiz, façais vós também... Já que sabeis disso, sereis felizes se o puserdes em prática* (Jo 13,12-17).

Terceira meditação: O coração de Pedro

Na meditação anterior, comentamos a cena do lava-pés. Omitimos, porém, um momento importante dessa passagem do Evangelho, que agora vai ser o tema da nossa meditação.

Jesus começou a lavar os pés dos apóstolos, e São João escreve: *Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu, lavar-me os pés?!” Jesus respondeu-lhe: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo”. Disse Simão Pedro: “Senhor, não apenas os meus pés, mas também as mãos e a cabeça!”* (Jo 13,6-9). É o retrato de Pedro de corpo inteiro.

Vamos começar a entrar um pouquinho no coração de Pedro. Depois de ouvir essa conversa com Jesus, você, que diria? As palavras, os protestos de Pedro e, depois, a prontidão rapidíssima em secundar o que Jesus lhe pede, indicam muita espontaneidade e simplicidade, e uma grande humildade para retificar.

O coração de Pedro era assim: um coração afetuoso, simples, sensível. Muitas vezes falava sem pensar: a emoção ia à frente da razão, da reflexão. Que vemos nessa cena? Vemos que o seu amor a Cristo, o seu carinho e veneração por Jesus não suportava vê-lo a seus pés: ter ali ajoelhado nada menos que o Mestre, aquele a quem ele tinha chamado, com uma declaração de fé inspirada por Deus, *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo!* (Mt 16,16).

Não aguentava! Mas bastou que Jesus dissesse: *Se eu não te lavar não terás parte comigo*, para que Pedro estremecesse. Perder Jesus, jamais! Não! Antes qualquer coisa! E se prontificou de imediato a que lhe lavasse os pés, as mãos, a cabeça, o que quisesse...

Vem-me agora ao pensamento o dia em que Jesus anunciou a Pedro a sua vocação. Cristo estava iniciando o seu ministério público quando André, irmão de Simão, ouviu São João Batista dizer, assinalando Jesus que passava: *Este é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29). André correu ao encontro de Jesus e, depois de passar umas horas conversando com ele, juntamente com o futuro apóstolo João, achou seu irmão Simão: *Encontramos* — disse, cheio de entusiasmo — *o Messias!*, e o conduziu a Jesus. Fitando-o, disse-lhe Jesus: *Tu és Simão, filho de João, chamar-te-ás Cefas, que quer dizer pedra* (Jo 1,40-42). Um nome novo, que era uma escolha e uma missão.

Essa chamada ficou confirmada em outro dia, passado um pouco de tempo, em que, como narra São Lucas, Jesus subiu à barca de Simão Pedro, o pescador, para pregar dali, como de um púlpito, a uma pequena multidão comprimida na margem do lago de Genesaré. De repente, dirigindo-se a Pedro ordenou: *Avança para águas mais profundas, e lançaí as vossas redes para a pesca*. Pedro ficou perplexo: *Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada apanhar...* Era o profissional da pesca que dizia a Jesus: se a noite foi ruim, agora de dia será pior. Não obstante isso, seu coração nobre, fazendo um ato de confiança, acrescentou: *Mas, porque tu o mandas, lançarei as redes. Fizeram isso, e apanharam tamanha quantidade de peixes que as suas redes se rompiam. À vista disso* — continua São Lucas —, *Simão Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador (...). Jesus, porém, disse a Simão: Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens* (Lc 5,3-11).

Está vendo. Aí temos o coração de Pedro. Sincero, espontâneo, não fechado nem autossuficiente. Sobretudo, humilde. Essa virtude, juntamente com a sinceridade, é a que sempre salvou Pedro e lhe permitiu transformar-se numa coluna férrea do Cristianismo e em um dos maiores santos.

Vamos acrescentar a isso, para completar um pouco mais o retrato do seu coração, uma cena comovente. É narrada por São João no capítulo sexto do seu Evangelho. Jesus acabava de fazer o primeiro dos dois milagres da multiplicação dos pães. Uma multidão de mais de cinco mil pessoas, que tinha visto e vivido o milagre, estava empolgada e “perseguiu” Jesus. Encontraram-

no dentro da sinagoga de Cafarnaum, cidade à beira do lago, onde, naquela altura, Jesus residia.

Na sinagoga, Jesus desenvolveu longamente o que os estudiosos da Bíblia chamam o “discurso do Pão vivo”. Com expressões cada vez mais claras, foi anunciando o mistério da Eucaristia. E repisou com força: *“Eu sou o Pão vivo descido do Céu... O Pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida...”*.

Quando chegou a este ponto, a maioria dos presentes se recusou a crer no que Jesus afirmava. *Muitos dos seus discípulos, ouvindo-o, disseram: “Dura é essa doutrina! Quem pode escutá-la?”... A partir de então, muitos discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele. Então Jesus disse aos doze: “Não quereis também ir embora?”*. Antes de que ninguém respondesse, Pedro se atirou com o coração na mão: *“Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna, e nós cremos e conhecemos que tu és o Santo de Deus”* (cf. Jo 6,51-69).

Provavelmente, naquele momento, Pedro, como a maioria dos que lá estavam, não tinha entendido o sentido profundo das palavras de Jesus. Mas olhava para ele com confiança. Amava e confiava. Nunca deixou de fazê-lo, por mais que, como veremos mais adiante, tivesse fraquezas, algumas delas bem sérias. Mas, insisto, o seu amor e a sua confiança em Jesus nunca foram abaladas. Nisto é um belíssimo modelo para que nós, que temos tantas e tantas fraquezas, nos espelhemos nele.

Quarta meditação: A sombra da Ceia

O clima da Última Ceia era de união, calor, ternura. Só houve uma nota discordante: a presença de Judas, o traidor, a única mancha nesse belo quadro.

Ao voltar à mesa, após o lava-pés, o rosto de Jesus ficou sombrio, com um trejeito de dor: *Eu conheço os que escolhi — disse —; mas é preciso que se cumpra a Escritura: “Aquele que come o meu pão levantou contra mim o seu calcanhar”* (Sl 41,10).

Poucos minutos depois, *Jesus perturbou-se interiormente e declarou: “Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me entregará”*. Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. Simão Pedro fez-lhe então um sinal para que indagasse quem era aquele de quem falava.

É fácil imaginar Pedro, remexendo-se inquieto no assento e fazendo sinais com olhos e mãos, para que João perguntasse a Jesus quem era esse traidor. *Então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, disse-lhe: “Quem é, Senhor?”*

Se você teve oportunidade de contemplar devagar o grande afresco da Última Ceia pintado por Leonardo da Vinci, perceberá como o pintor captou exatamente o ambiente desses momentos desconcertantes para os apóstolos.

Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der um bocado de pão passado no molho. Então Jesus molhou o pão e o deu a Judas, filho de Simão Iscariotes. Depois do pão, entrou nele Satanás. Jesus disse-lhe: “Faz depressa o que tens a fazer”. Nenhum dos que estavam à mesa compreendeu por que lhe dissera isto... Pensaram que Jesus lhe dizia: “Compra o necessário para a festa”, ou que desse algo aos pobres. Depois de receber o bocado, Judas saiu imediatamente. Era noite (cf. Jo 13,21-30).

É terrível o modo como João encerra esse episódio: *Era noite!* Sim, era noite lá fora, mas sobretudo era noite cerrada na alma de Judas, a quem os momentos cálidos que acabava de viver perto de Jesus — que lhe lavou os pés e que, mesmo ciente de que ele o vendia, lhe deu mostras de delicadeza e atenção —, não conseguiram depositar nem uma gota de orvalho em seu coração ressequido.

Que aconteceu com Judas? Como foi possível? Sobre ele pousara fazia três anos o olhar amoroso de Jesus, que o chamou pelo nome. Andou com Jesus, conviveu com ele, viu milagres, conversões, alegrias mais que humanas dos que iam acreditando e compreendendo pouco a pouco Jesus...

O Evangelho nos dá uma pista sobre como isso pôde acontecer. E alguns tristes exemplos de infidelidade cristã, que nós conhecemos, dão-nos a segunda pista:

Primeira: *Seis dias antes da Páscoa — máxima festa judaica —, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. Ofereceram-lhe ali um jantar: Marta servia e Lázaro era um dos convivas. Então Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de puro nardo, precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos.*

Esse gesto de carinho da irmã de Lázaro, profundamente agradecida pela ressurreição de seu irmão, irritou Judas e lhe fez cair a máscara: *Disse então Judas Iscariotes, um de seus discípulos, o que o havia de trair: “Por que não se vendeu esse perfume por trezentos denários para dá-lo aos pobres?”* São João não aguenta essa hipocrisia, e diz cruamente: *Ele disse isso, não porque se importasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era colocado (Jo 12,1-6).*

Judas se escandaliza com o modo de Maria honrar Cristo, como hoje alguns se escandalizam farisaicamente, quando, com muita fé e grande amor, se procura dedicar as melhores coisas possíveis à liturgia, ao culto do Senhor: coisa que, por sinal, se empenharam sempre por fazer dois dos santos mais absolutamente “pobres” da história da Igreja: São Francisco de Assis e São João Maria Vianney, o santo Cura d’Ars.

Jesus “aprova” esses santos: *Deixai-a. Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação comigo... Fez o que podia: antecipou-se a ungir meu corpo para*

a sepultura. Em verdade vos digo que, onde quer que venha a ser proclamado o Evangelho, em todo o mundo, também será contado o que ela fez, em sua memória (Mc 14,6-9).

Poucos dias depois, Judas foi ao encontro dos sumos sacerdotes e lhes disse: *O que me dareis se eu o entregar? Fixaram-lhe, então, a quantia de trinta moedas de prata. E, a partir disso, ele procurava uma oportunidade para entregá-lo* (Mt 26,14-16).

Você vê? Judas criticava Jesus. Durante um tempo, guardava as críticas no coração; não tinha a nobreza e a sinceridade de falar. Agora já tem raiva e critica em público. O que Jesus achava maravilhoso, digno de ser contado ao mundo inteiro, ele censurava como erro e desperdício.

Ao esfriar pouco a pouco no amor a Cristo, a alma de Judas se deixou dominar pelo que a Bíblia chama o *fascínio dos falsos brilhos* (Sb 4,12), o fascínio das vaidades mundanas, da posse, da liberdade egoísta, do prazer, do dinheiro.

Quando algumas almas que seguem Jesus começam a abrigar espírito crítico sobre os caminhos de Deus, sobre a doutrina da Igreja, a pensar que há exagero e desperdício numa vocação de entrega total ao serviço de Deus e do próximo, transformam-se no eco da voz de Judas. Vendem Cristo por trinta moedas de prata, o preço de um escravo. É o preço com que eles “compram” a sua própria escravidão à ambição, ao mundanismo, às paixões... e, finalmente, à tristeza amarga de uma vida esvaziada.

Dizíamos acima que os tristes exemplos de infidelidade cristã que nós conhecemos nos dão uma segunda pista.

Eu diria que a chave está nestas palavras do livro do Eclesiástico: *Quem despreza as coisas pequenas pouco a pouco cairá* (Eclo 19,1).

Creio que há uma analogia muito grande entre os males que minam a fé e a fidelidade cristã, e as “doenças” que minam a fidelidade do amor conjugal: é o descuido de detalhes de carinho, indelicadezas pequenas, mas crescentes, que vão corroendo o que o amor tinha começado a edificar. E por essa ladeira abaixo, por vezes quase insensível, arruinam-se vocações matrimoniais e vocações sacerdotais e religiosas.

Um dia se descuida um pormenor de afeto familiar, ou de vida de piedade para com Deus. O comodismo, fantasiado de cansaço e queixa pelo muito trabalho, “dispensa” de serviços, de dedicação de tempo, de sacrifícios que antes se faziam com gosto; permitem-se derrapadas na imaginação, na castidade, na guarda do coração, no cumprimento do dever, sem lhes dar importância... Cria-se assim pele grossa na alma. E aparece o desprezo por atos e atitudes de generosidade, que agora se acham excessivos, como Judas achou o gesto de Maria. Os manjares mais deliciosos tornam-se repugnantes ao paladar estragado.

Esse “mal de Judas” chama-se tibieza, e a tibieza é o portão aberto para todas as ofensas contra Deus e todas as traições contra o amor divino e humano.

Pode nos fazer bem, para evitar essa erosão dos ideais e do amor, meditar, como um sinal de alerta, estas palavras do livro do Apocalipse: *Conheço tua conduta: não és nem frio nem quente. Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca* (Ap 3,15-16). Um pouco antes, no mesmo livro sagrado, vemos a causa desse mal: *Devo reprovar-te por teres abandonado teu primeiro amor* (Ap 2,4).

Quinta meditação: O mandamento novo de Jesus

Na meditação anterior, víamos Judas perder-se na escuridão da noite, da mesma forma que, com a sua traição, se tinha perdido na escuridão da alma.

Jesus estava aflito. Mas, quando o traidor saiu do Cenáculo, sentiu um alívio que se reflete claramente no Evangelho.

Quando Judas saiu, Jesus disse: Agora o Filho do Homem foi glorificado... Filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco. Vós me procurareis e, como disse aos judeus: “para onde eu vou vós não podeis ir”; agora também vo-lo digo (Jo 13,33).

O coração de Jesus está envolvido pela ternura da despedida. Como amava os seus apóstolos! Não ignorava seus defeitos passados nem as suas covardias futuras; eram pobres homens, como nós, mas tinham deixado tudo para segui-lo e, embora com fraquezas, o amavam. Comove pensar que, por mais que falhassem, nunca lhes retirou o carinho nem a confiança.

Agora que Judas já não está presente e o clima é totalmente familiar, Jesus pode abrir seu coração. Logo lhe vem, ao pensamento e aos lábios, algo que queria gravar a fogo na alma dos seus discípulos — de nós também —, algo que é como que um testamento, expressão da sua última vontade:

Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros (Jo 13, 34-35).

Não há dúvida de que Jesus queria deixar bem gravado este mandamento no coração dos apóstolos, como o evidencia o fato de que, nessa última noite, voltou a repeti-lo mais duas vezes:

— *Este é o meu preceito: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15,12-13).

— *Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros!* (Jo 15,17).

Perante uma declaração tão enfática e reiterada, é preciso meditar seriamente sobre o “testamento” de Cristo.

Como é fácil deturpar o mandamento do amor, se ficarmos na superfície dele, interpretando-o levemente. “Amor” é uma palavra de que se abusa tanto! Pode servir tanto para designar um eflúvio sentimental passageiro, como uma afeição autêntica, como uma aventura de infidelidade e traição.

“O cristianismo é amor!”, diz-se, “Nada interessa senão o amor!”, “Não venham com regrinhas, ordens e proibições, basta amar, o resto não interessa!”. Que significa isso tudo? Será que tem sentido? Não vê que, por trás dessas belas frases, há uma identificação perversa do amor com o “meu” prazer e o “meu” egoísmo?

O que Jesus nos pede não é um amor qualquer, menos ainda um egoísmo fantasiado de amor. Vemo-lo claro ao meditar as características do amor que ele quer inculcar nos discípulos.

- *Que vos ameis “como eu vos amei”...* Antes de que Deus se fizesse homem e habitasse entre nós, ninguém tinha amado “como” ele. É, para nós homens e mulheres, um modelo único e irrepetível.

Somos cristãos. Fomos unidos, incorporados, a Cristo pelo Batismo. Isso quer dizer que entramos no mundo do Amor com que Deus nos ama. Como é que imitamos Nosso Senhor? Não lhe ouvimos dizer, no início destas meditações: *Eu vos dei o exemplo* (Jo 13,15)? Acha que é possível imitá-lo sem ter uma identificação íntima com ele por meio da abnegação, da oração, da Eucaristia, da meditação repetida e pausada do Evangelho?

- *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.* Quer dizer que amar como Cristo nos amou sempre deve consistir em “dar a vida”, isto é, em dedicar aos outros — especialmente aos mais próximos e aos mais necessitados — coisas que são “minha vida”: meus pensamentos, minha atenção, meu tempo, minha assistência, meu perdão, meu afeto e, em alguns casos, até minha saúde e minha vida mesmo (como vemos com carinho e gratidão que agora, na pandemia, fazem os generosos profissionais da saúde e tantos outros).

Se perguntássemos a São Paulo como podemos imitar o amor de Cristo, eu não duvido que nos repetiria o que está escrito no capítulo 13º da sua primeira carta aos Coríntios, que é um retrato, como que as pinceladas mestras do grande amor com que Jesus nos ama:

O amor é paciente (pense: e as minhas impaciências?), *o amor é benfazejo* (será que eu procuro o que “faz bem” aos outros?), *não é invejoso* (eu faço comparações e críticas do que os outros são e têm?), *não é presunçoso nem se incha de orgulho* (quero ter sempre a razão em todas as conversas?), *não faz nada de vergonhoso* (eu engano, minto, disfarço?), *não é interesseiro* (sei renunciar a desejos e planos pessoais para aderir aos que alegram os outros?), *não se irrita* (e as minhas explosões de ira, interiores ou exteriores; e as minhas broncas?), *não leva em conta o mal sofrido* (sei compreender e perdoar?), *não se alegra com a injustiça, mas fica alegre com a verdade* (já disse “bem feito” quando uma pessoa com quem antipatizo se deu mal?), *tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* (como anda a minha paciência e o meu “voto de confiança” nos demais?).

Eis o retrato da caridade de Cristo e, de passagem, das nossas faltas de caridade.

No final da primeira formulação que Jesus fez do seu *mandamento novo*, ele disse estas palavras: *Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos, se vos amardes uns aos outros* (Jo 1,35). Por que traços de conduta os outros nos conhecem?

Se meditássemos sobre essas coisas, anotando o que mais nos toca numa agenda, creio que todos nós nos proporíamos, a partir de agora, ser, embora de uma forma pobre e imperfeita, um reflexo do amor de Cristo, alguém que de algum modo ajude a ver Cristo. Peçamos, então, com palavras de um conhecido hino ao Espírito Santo: *Infunde amor nos nossos corações!*

Sexta meditação: As negações de Pedro

Na meditação anterior, escutamos palavras de despedida de Jesus: *Por pouco tempo ainda estou convosco.*

Na sequência do capítulo 13º do Evangelho de São João, que agora estamos meditando, aparece de novo Pedro, o mesmo Pedro que já contemplávamos na cena do lava-pés: espontâneo, coração grande, emotivo e pouco reflexivo.

Simão Pedro lhe diz: “Senhor, para onde vais?” Respondeu-lhe Jesus: “Não podes seguir-me agora aonde vou, mas me seguirás mais tarde”. Pedro lhe diz: “Senhor, por que não te posso seguir agora? Eu darei a minha vida por Ti!” Jesus lhe responde: “Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: o galo não cantará sem que me renegues três vezes” (Jo 13,36-38).

Essa declaração de amor era sincera, sentida, não era hipócrita. Pedro era fraco como nós, como você e como eu. Mas estava sinceramente disposto a morrer por Jesus: *Senhor eu darei a minha vida por Ti*. Chegou, porém, o momento da prova...

Jesus sai do Cenáculo e vai com os apóstolos ao Horto das Oliveiras, como faziam outras noites. Ali passavam uns momentos de conversa e oração.

De repente, envolto na escuridão da noite, aparece Judas com um séquito de guardas e soldados, *com lanternas, archotes e armas* (Jo 18,3). Pedro reage, precipitadamente, e corta com a espada a orelha de um soldado (Jo 18,10). Jesus pede aos que vêm prendê-lo que deixem em paz os discípulos. A turma armada avança, agarram Jesus, amarram-no; e, como diz o Evangelho com dolorosa concisão: *Então, abandonando-o, fugiram todos* (Mc 14,50).

Levaram o Senhor à casa do Sumo Sacerdote. *Pedro seguia-o de longe* (Lc 22,54). Avançou meio escondido até ali. Com a ajuda de um discípulo, que era conhecido daquela casa, conseguiu entrar e ficou no pátio. Sentou-se entre soldados, guardas, serventes e criadas. Não se resignava a perder de vista Jesus. O grupo estava em roda de uma fogueira, aquecendo-se.

De repente, levou um susto quando um dos que lá estavam assinalou-o com o dedo: *Também tu estavas com Jesus Nazareno. Ele, porém, negou, dizendo: “Não sei nem compreendo o que dizes”... E o galo cantou. Uma*

criada, vendo-o, começou de novo a dizer aos presentes: “Este é um deles!” Ele negou de novo. Pouco depois, os que lá estavam novamente disseram a Pedro: “De fato, és um deles, pois és galileu”. Ele, porém, começou a maldizer e a jurar: “Não conheço esse homem de quem falais!”. E imediatamente o galo cantou pela segunda vez (Mc 14,67-72). Fraquejou. O medo cegou-o, derrubou sua boa vontade.

Os guardas, que tinham ficado no andar superior custodiando Jesus e submetendo-o a todo tipo de vexames, humilhações e maus tratos, passaram conduzindo Cristo pelo alto da escada. Pedro percebeu. Nesse instante — diz o Evangelho —, *o Senhor, voltando-se para ele, fixou o olhar em Pedro. Pedro, então, lembrou-se da palavra de Jesus: “Antes que o galo cante hoje, tu me terás negado três vezes”. E saindo para fora, chorou amargamente (Lc 22,61-62).*

Pobre Pedro, Pedro que era todo coração! Como um relâmpago que ilumina com seu clarão todo o horizonte, se fez presente na alma dele todo o amor, os sacrifícios, o carinho que Cristo lhe tinha manifestado durante três anos, e a confiança total que depositara nele: *Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.*

Sentiu, naquele mesmo instante, como tinha pago pessimamente mal tão grande amor. Cobriu o rosto e, correndo para fora, *chorou amargamente.* Os olhos com que Cristo o olhou, não eram de censura, nem de decepção. Continuava a olhá-lo com carinho. Diante disso, o coração de Pedro sentiu-se atravessado por uma espada incandescente. Uma inundação de dor lhe encheu a alma e transbordou num rio de lágrimas. Santo Agostinho diz, sinteticamente, “chorou amargamente porque sabia amar”.

Que bonito! Pedro, apesar de fraco, sabia amar; e quem sabe amar pode confiar. Percebeu, comovido, que aquele olhar de Jesus era um olhar de ternura, de tristeza por ver seu querido Pedro caído, mas, ao mesmo tempo, era acolhedor, era como se lhe dissesse: “Olha, eu sei que você está sofrendo, contrito. Daqui a pouco, depois de eu ter ressuscitado, sentarei a teu lado, caminharemos juntos, e tu, envergonhado com a cabeça baixa, ouvirás que te digo (como de fato aconteceu: Jo 21,15-17): *Simão, filho de João, tu me amas?*”. Três vezes Jesus repetirá a pergunta, e Pedro ficará entristecido, lembrando-se das três vezes em que o tinha negado! Cheio de humildade, responderá: *Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo!*

Lembra o que Jesus lhe disse depois de cada uma das três respostas? Reafirmou-lhe a confiança que sempre teve nele: *Apascenta as minhas ovelhas, apascenta os meus cordeiros.* Jesus mantém inabalável o Primado de Pedro, confirma-o como Chefe da sua Igreja, como o primeiro Papa.

Que lição maravilhosa para nós! “Senhor, nós te amamos, melhor dizendo, nós queremos amar-te..., mas te ofendemos! Seria horrível não sentir dor nenhuma por isso!” Se você alguma vez se dá conta de que magoou Jesus e foi tão mal agradecido com ele, que deu a vida por você..., pegue num crucifixo, fique a olhá-lo e diga: “Isso, morrer na Cruz, Jesus fez por mim,

deixou que lhe fizessem isso tudo, por amor a mim!” E a seguir: “Jesus perdoame! Mete autêntica contrição na minha alma, aquela contrição que é dor de amor; e, junto com ela, a decisão de fugir das ocasiões de pecado, de abandonar aquelas situações em que te ofendo facilmente, de cortar as tentações com fortaleza”. Depois disso, faça uma boa confissão.

Nunca pense: “Não dá mais, fui longe demais”. Ao contrário, pense com agradecimento: “Apesar de todos os disparates que eu possa ter feito, Jesus nunca deixará de me olhar com ternura, como a Pedro, de confiar em mim, e de me perguntar: ‘Tu me amas?’” Aprenda de Pedro a se levantar das quedas para, logo a seguir, com a ajuda da graça, crescer impetuosamente em amor e santidade como nunca antes o havia feito.

Sétima meditação: A meta da nossa esperança

A conversa familiar de Jesus com os apóstolos — de coração a coração — vai se tornando cada vez mais aberta, mais íntima, de alma escancarada.

Jesus já tem a antevisão dos horrores que daí a pouco vai padecer, mas não fica preso aos seus “problemas”, não pensa em si; só pensa em animar, ajudar, fortalecer e encher de esperança os seus apóstolos. Bem sabe que, no drama da Paixão, todos eles vão experimentar grandes fraquezas. Eles eram tão frágeis e cheios de misérias como somos nós nas horas em que nos afastamos dele. Jesus, porém, não fica pensando nisso, agora só pensa em lhes infundir esperança.

Na meditação anterior, víamos Jesus dizendo a Pedro com compreensão, com indulgência: *Tu darás a vida por mim? Em verdade te digo, não cantará o galo sem que me renegues três vezes* (Jo 13,38).

Porém, imediatamente depois, com um sorriso afetuosamente, anunciou, ante a surpresa dos apóstolos, um panorama radiante... e intrigante, ao mesmo tempo: *Não se perturbe o vosso coração! Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar. E quando eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo, para que onde eu estiver, estejais vós também* (Jo 14,1-3).

Jesus fala do Céu, cujo acesso franqueou para nós ao preço do seu Sangue. Dará a vida na Cruz para expiar as nossas culpas, para — como diz o Apocalipse — *nos lavar dos nossos pecados no seu sangue* (Ap 1,5). Com seu sacrifício voluntário (cf. Jo 10,17-18) abrir-nos-á as portas do Céu, ou seja, as portas da vida imortal, mergulhados na fogueira de amor da Santíssima Trindade. O próprio Deus Pai, Filho e Espírito Santo será a “casa” onde os filhos de Deus nos reuniremos em família, será a nossa pátria definitiva.

Nós não merecemos o Céu. Esquecemo-nos demais de Deus, ofendemo-lo tantas vezes! Mas ele não para de nos estender os “dois braços do Pai” que, como dizia Santo Irineu, são o Filho e o Espírito Santo. Escute-o, pois, no íntimo do coração, peça-lhe mais fé e perceberá que ele lhe diz, sem palavras,

mas com luz na alma: “Eu nunca vou deixar de te estender as minhas mãos. Para você, eu serei sempre o Pai do filho pródigo que, apesar das barbaridades que o filho fez e o desprezo com que o largou, não trancou jamais a porta da casa. Pelo contrário, todos os dias ficava aguardando-o; saía lá fora e olhava para o caminho, até longe, na esperança de ver o filho voltar. Até que um dia percebeu, numa silhueta confusa, a figura do filho, empoeirado, esfarrapado, transformado num mendigo. Embriagado de alegria, saiu correndo ao encontro dele, *lançou-se-lhe ao pescoço e o cobriu de beijos*” (cf. Lc 15,11 e ss.).

É assim que Deus nos ama e nos trata. Basta que decidamos, como o pródigo: “*Eu me levantarei e irei a meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti...*” e, como o filho perdido, estenderemos a nossa pobre mão para a mão que o Pai nos oferece, e o nosso rosto indigno para os beijos que ele nos dá.

Como é que você e eu nos refugiamos nos braços do Pai? Com a contrição, ou seja, com a dor de amor por ter pecado, por tê-lo esquecido e ofendido. Ao mesmo tempo que lhe pedimos perdão, levemos muito a sério as palavras de Jesus: *Nem todo aquele que me diz, Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus* (Mt 7,21). Quem sente dor, quer reparar; quem se arrependeu, quer retificar; quem caiu, quer recuperar o tempo perdido.

Peçamos a Deus o desejo ardente de fazer a vontade dele: “Meu Deus, meu Deus, para que me puseste nesta terra, para que me deste os dons naturais e os sobrenaturais da graça divina, dos sacramentos? Sim, para quê? O que esperas de mim? Tenho consciência de que até agora vivi pensando no que ‘eu’ espero de mim; melhor dizendo, do que espero ‘para mim’. Quero ser o que tu esperas que eu seja. É para isso que vim ao mundo!”.

Talvez Deus nos diga: “Será que não vês? Dei meu sangue para que sejas feliz aqui, amando-me e irradiando o meu amor nos outros, para que, assim, possas receber no final o meu abraço eterno”.

São Pedro, depois de se arrepender das suas negações e de ter dedicado a vida a difundir entre milhares de pessoas a fé e o amor de Cristo, viu que se aproximava a sua morte. Já estava irrompendo a duríssima perseguição de Nero contra os cristãos. Era previsível que muitos fossem martirizados. O próprio Pedro foi crucificado em Roma. Nessas circunstâncias, veja o que ele escreveu às comunidades cristãs da primeira hora, que estavam em perigo:

Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com a sua grande misericórdia, Ele nos fez renascer, pela Ressurreição de Jesus dentre os mortos, para uma viva esperança, para uma herança incorruptível, incontaminável, imarcescível, reservada nos Céus para vós, os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação. Nisso deveis alegrar-vos, ainda que agora, se necessário, sejais contristados por um pouco de tempo em virtude de várias provações (1Pd 1,3-6).

A despeito das contrariedades e dificuldades da vida, apesar dos sofrimentos e injustiças, Jesus nos diz: “Não se preocupe. Se você procura ser fiel e, caso tropece, se levanta logo e estende a mão para mim, nos encontraremos no Céu”.

Vale a pena lembrar o que Bento XVI disse, na sua encíclica sobre a esperança, referindo-se à morte do cristão fiel: “Será o instante de mergulhar no oceano do Amor Infinito no qual o tempo, o antes e o depois, já não existe. Podemos somente procurar pensar que esse instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos inundados pela alegria. Assim o exprime Jesus no Evangelho de João: ‘Eu hei de ver-vos de novo; e o vosso coração se alegrará e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria’. Devemos olhar nesse sentido, se quisermos entender o que visa a esperança cristã, o que esperamos da fé, do nosso estar em Cristo” (*Spe salvi*, n. 12).

Pelo caminho de amor traçado por Jesus, e seguindo seus passos, aprendemos a cumprir a vontade do Pai. Por isso, a nossa vida não desembocará nem numa noite cega, nem no beco do nada, mas mergulhará na alegria indizível do oceano do Amor.

Oitava meditação: Como conhecer o caminho?

Na última meditação, nós ouvíamos as palavras com que Jesus procurava consolar os apóstolos, acendendo neles a esperança do céu: *Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas..., vou preparar-vos um lugar* (Jo 14,1-2). Anuncia-lhes que voltará e os levará consigo, para que eles estejam com ele na glória da Trindade.

Tomé que, como sabemos, é um homem realista, levanta a voz para perguntar: *Senhor, não sabemos para onde vais! Como podemos conhecer o caminho?* A resposta de Jesus é uma das frases mais ricas do Evangelho: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vem ao Pai a não ser por Mim. Se me conheceis, também conhecereis a meu Pai. Desde agora O conheceis e o vistes* (Jo 14,5-7).

Não lhe responde com belas ideias, com doutrina árida. Diz-lhes simplesmente: *“Eu sou”... Eu sou o Caminho, Eu sou a Verdade, Eu sou a Vida.*

O cristianismo, como gostava de dizer Bento XVI e repisa sempre com clareza o Papa Francisco, não é uma filosofia, nem uma “doutrina” (embora haja uma profunda filosofia cristã e uma doutrina riquíssima), mas é *essencialmente* uma Pessoa, é o encontro pessoal de cada um de nós com alguém que vive, Jesus, o filho de Maria, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

No início de uma homilia sobre a Páscoa, São Josemaria Escrivá dizia: “Cristo vive! Esta é a grande verdade que dá pleno conteúdo a nossa fé. Jesus, que morreu na cruz, ressuscitou, triunfou da morte, do poder das trevas, da dor e da angústia... Ele é o Emmanuel, Deus conosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus” (*É Cristo que passa*, n. 102).

Sim, é verdade (ainda que alguns cristãos ainda não se tenham apercebido disso), é verdade que nós não somos os seguidores de uma ideologia, nem de um líder espiritual do passado, nem do legado elevadíssimo de um sistema moral de vida. Não. — “Jesus, nós te seguimos a ti, que deste a vida por nós e vens sempre ao encontro de cada um de nós”. Quando nos deixamos “encontrar” por ele, todas as verdades da fé e da moral cristã se nos tornam lúcidas, transparentes, alegres.

Todos podemos escutar a palavra viva de Cristo nas páginas do Evangelho (onde Ele continua a falar-nos pessoalmente, com luzes do Espírito Santo); podemos chegar-nos a ele e conversar intimamente na oração; de modo especial, ao recebê-lo na Comunhão; e junto do Sacrário, num silêncio enamorado perante o Santíssimo Sacramento... E Ele nunca deixa de nos responder, de alguma maneira, inundando-nos de paz, de fortaleza, de esperança.

Mas... será que nós podemos dizer que já encontramos Jesus e, com Ele, o Caminho, a Verdade e a Vida?

Vou lembrar um episódio da vida de São Josemaria Escrivá. Corria o ano de 1933. Um rapaz que era daquele grupo de jovens estudantes e operários que seguiam São Josemaria, precisava receber umas aulas de reforço, se não me engano, de cálculo. Um dos primeiros membros do Opus Dei, Ricardo Fernández Vallespín, já formado arquiteto, precisava ganhar a vida e, por isso, se comprometeu a dar-lhe essas aulas. Estava na casa dele quando, de repente, batem à porta do quarto, e entra São Josemaria, um jovem sacerdote de trinta e um anos. Desculpou-se, dizendo que voltaria a outra hora, mas lhe pediram que ficasse.

Ao ver aquele sacerdote, que lhe causou grande impressão, Ricardo pediu-lhe para falar com ele. Marcaram data e lá foi ele. Ao acabar a conversa de direção espiritual, São Josemaria foi procurar um livro na estante do seu escritório, um livro já usado, a História da Paixão do Senhor, escrito no século XVII pelo Padre Luís de la Palma. Na primeira página em branco do livro escreveu: “Madri, 29.05.33 *Que procures Cristo, que encontres Cristo, que ames a Cristo!*”

São três marcos da vida espiritual do cristão, não propriamente sucessivos, mas sempre necessários e simultâneos.

É preciso procurar Cristo, é preciso encontrá-lo, com a graça de Deus. Ele nos espera, sobretudo, em dois pontos de encontro: na Palavra e na Eucaristia. “Não entendo — escrevia São Josemaria —, como se pode viver cristãmente, sem sentir a necessidade de uma amizade constante com Jesus na Palavra e no Pão, na oração e na Eucaristia!”

A Palavra: toda a Sagrada Escritura e, especialmente o Novo Testamento, é palavra de Deus dirigida a cada um de nós. Importa, sobretudo, meditar o Evangelho. Você o lê e medita todos os dias? Você procura “entrar” nas páginas do Evangelho, para reviver cada cena — assim o recomendava São Josemaria — “como um personagem a mais”, como um dos protagonistas? Dessa meditação irá surgindo a oração, a conversa com Jesus, com Maria, com Pedro... E você “viverá” a vida de Jesus.

E a Eucaristia. Nem precisaria dizer. Jesus está lá realmente presente, com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma e sua Divindade!

Quando, como nesta época de quarentena, muitos, infelizmente, não podem comungar nem visitar o Santíssimo Sacramento, façamos um esforço de imaginação e dirijamos a Jesus uma Comunhão espiritual: “Eu quisera, Senhor, receber-vos, com aquela pureza, humildade e devoção com que vos recebeu a vossa santíssima Mãe, com o espírito e o fervor dos santos”... E façamos também atos de amor e adoração — Jesus, eu te amo e te adoro! — pensando no sacrário da igreja ou da capela mais próxima. E quando terminar o confinamento, busque Jesus na Eucaristia com mais fervor e mais frequência do que nunca.

Continuemos pedindo a Nossa Senhora, à Nossa Mãe, que esses dias possam ser para nós, não uns dias de impaciência, de perda de tempo, de desânimo, mas ao contrário, uns dias de grande crescimento espiritual e de desejo de espalhar o fogo de Cristo em muitos corações!

Nona meditação: “Jesus, mostra-nos o Pai”

À medida que fazemos estas meditações breves sobre a despedida de Jesus, vamos sentindo uma maior intimidade com Ele. É como se estivéssemos no Cenáculo, naquela mesa ampla, ao lado de Pedro, de João, de André... Aproveitemos esse clima para não ficarmos numa mera leitura, mas “entremos” nas cenas e falemos com Jesus e os apóstolos.

Na anterior meditação, procurávamos penetrar no sentido daquelas palavras de Cristo: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*. A seguir, após essa frase “essencial”, como já víamos, Jesus acrescenta: *Ninguém vem ao Pai a não ser por mim, se me conheceis, também conhecereis o meu Pai, e desde agora o conheceis e o vistes* (Jo 14,6-7).

Jesus fala que é o caminho para ir ao Pai, e isso desperta um grande desejo de saber como é o Pai.

Na Bíblia, especialmente no livro dos Salmos, há muitas frases bonitas, tocantes, que revelam os desejos de “ver Deus” que têm muitas almas boas. Fala-se da “sede de Deus”. Por exemplo, o Salmo 42: *Como a corça anseia pelas corrente das águas assim anseia por ti a minha alma, meu Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus Vivo! Quando verei a Face de Deus?*

Pois bem, esse sentimento dos judeus piedosos, brotou na alma de um dos apóstolos, Filipe, homem simples e bom (cf. Jo 1,43-46), que

espontaneamente pediu: *Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta* (Jo 14,8). Todos deviam achar esse desejo muito compreensível, mas irrealizável nesta terra. *Ninguém jamais viu a Deus*, escreve São João no início do seu Evangelho (Jo 1,18).

Mas Jesus não deixou Filipe sem resposta... e que resposta! *Há tanto tempo que estou convosco e tu não me conheces, ~~Filipe Filipe~~? Quem me viu, viu o Pai! Como podes dizer mostra-nos o Pai? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?* (Jo 14,9-10).

O Papa Bento XVI comentava assim este diálogo: “Durante a Última Ceia, depois de Jesus afirmar que conhecê-lo também significa conhecer o Pai, Filipe quase ingenuamente lhe pediu: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*. Palavras das mais sublimes do Evangelho de João, que contêm uma autêntica revelação. *Ninguém jamais viu a Deus, o Filho Único que está no Seio do Pai, Ele o revelou*, isto dizia já São João no prólogo do Evangelho; pois bem, essa declaração é retomada e confirmada pelo próprio Jesus. Podemos dizer que Deus assumiu um rosto humano, o de Jesus, e, por conseguinte, a partir de agora se realmente queremos conhecer o rosto de Deus, só nos resta contemplar o rosto de Jesus. Em seu rosto vemos realmente que é Deus, e como é Deus!”.

Essas palavras de Bento XVI, quando assimiladas, podem ter um impacto positivo em cada um de nós. Sentindo-o ou não, todos temos nostalgia de Deus, pois todos procedemos da mão d’Aquele que nos criou, que nos fez o dom da nossa alma. No fundo de cada um existe um anseio de Absoluto, de Beleza absoluta, de Bondade absoluta, de Verdade absoluta, que parece irrealizável. Chamemo-lo como quisermos, esse desejo é a nossa ânsia de Deus.

Desejo de ver Deus! São Paulo fala de que um dia o veremos *face a face* e não mais por *reflexos e de maneira confusa* (cf. 1Cor 13,12). Jesus agora nos diz que podemos vê-lo, sim, precisamente quando o vemos a ele. Quem conhece Jesus, contemplando a sua vida, a sua natureza humana visível, vê nele o “rosto” autêntico do Deus Invisível. Em Cristo, Deus quis dar-se a conhecer: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo 1,14).

Como é claro este texto do *Catecismo da Igreja Católica*: “Toda a vida de Cristo é revelação do Pai: suas palavras e seus atos, seus silêncios e seus sofrimentos, sua maneira de ser e de falar. Jesus pode dizer: ‘Quem me vê, vê o Pai’ (Jo 14,9); e o Pai pode dizer: ‘Este é o meu Filho, o Eleito, ouvi-o’ (Lc 9,35). Tendo Nosso Senhor se feito homem para cumprir a vontade do Pai, os mínimos traços de seus mistérios nos manifestam o Amor de Deus por nós” (n. 516).

Deus é Amor, não nos cansemos de lembrar essa definição, que é a mais perfeita de todas. Deus é o Amor e fonte de todo amor; pois bem, esse amor infinito de Deus, nós o podemos ver claramente em todos os traços de Cristo,

nos mínimos gestos de Cristo, que são, ao mesmo tempo, transparência de Deus e luz para guiar os nossos passos.

“É preciso aprender de Cristo, pormenores e atitudes — dizia São Josemaria —, é preciso que conheçamos bem a vida de Jesus, que a tenhamos toda e inteira na cabeça e no coração, de modo que em qualquer momento, sem necessidade de livro algum, fechando os olhos, possamos contemplá-la como num filme; de forma que, nas mais diversas situações da nossa existência, acudam à nossa memória as palavras e os atos do Senhor” (*É Cristo que passa*, n. 107).

Será que nós procuramos mesmo aprender dele? Há muitas maneiras de nos identificarmos com a vida de Cristo, com o exemplo que ele nos dá. Um os meios mais tradicionais entre os cristãos é a chamada *lectio divina*, a meditação pausada e orante do Evangelho, num clima de silêncio e oração. Abrirmos o Novo Testamento, os Evangelhos, lemos um trecho e no perguntamos: O que Deus me diz através desta frase, desta parábola, deste gesto?

Por exemplo, lemos: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis a paz para as vossas almas* (Mt 11,29). Se meditarmos essa frase, ouviremos que Cristo nos fala sem palavras: “Falta-te paz? É porque te falta humildade e, por consequência, falta-te mansidão; estás agitado por dentro porque não sabes esquecer-te humildemente de ti e viver aberto aos outros, pensando nas necessidades dos outros, desejando dar alegrias aos outros. Por isso, tantas coisas te incomodam, te atrapalham, te irritam”.

Depois de perceber o que o Senhor nos quer dizer, é preciso que pensemos sinceramente no modo de encarnar esse exemplo ou esse ensinamento de Jesus na nossa vida. Peçamos a luz e a graça do Espírito Santo para concretizar propósitos de luta, de empenho sério para pôr em prática — com o auxílio da graça — a sugestão recebida de Deus.

Reforçando esses pensamentos, ouçamos estas palavras que Bento XVI pronunciou na homilia do início do seu pontificado: “Só quando encontramos, em Cristo, o Deus Vivo, conhecemos o que é a Vida!” (como é bonito isto!). Só vendo Cristo, nos espelhando em Cristo, amando a Cristo, vendo nele Deus, o rosto humano de Deus, conhecemos o que é a Vida. “Não há nada mais belo — continua o Papa Bento — do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo; não há nada mais belo do que conhecê-lo e comunicar com os outros a Sua amizade”.

Tomara que possamos dizer a Jesus, com São Josemaria: “Como te fazes compreender, Senhor! Como te fazes amar! Tu te mostras como nós, em tudo menos no pecado, para que saibamos palpavelmente que contigo, podemos vencer as nossas más inclinações, as nossas culpas. Que importância têm o cansaço, a fome, a sede, as lágrimas! Cristo cansou-se, passou fome, teve sede e chorou. O que importa é a boa vontade, a luta, uma luta amável, para que o Senhor permaneça sempre ao nosso lado, para cumprir a vontade do Pai que está nos Céus”.

Que Nossa Senhora, Mãe nossa, nos ajude a interiorizar esta meditação, e a tirar o desejo firme de imitá-la na prontidão com que ela correspondeu a tudo quanto Deus lhe pedia: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

Décima meditação: Pedir em nome de Jesus

Se você tem em mãos um exemplar da Bíblia ou do Novo Testamento, e vai acompanhando os capítulos do Evangelho de João que comentamos, perceberá que, após o diálogo com Filipe, Jesus repisa a sua unidade com o Pai — *eu estou no Pai e o Pai em mim* —, e continua com uma afirmação surpreendente:

Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço e as fará até maiores que elas, porque vou para o Pai. E o que pedirdes em meu nome, eu o farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes algo em meu nome, eu o farei (Jo 14,12-14).

Jesus nos diz, primeiro, uma coisa que nos parece impossível: fazer obras maiores do que as dele! Sem querer, vêm-nos ao pensamento os milagres. Como é possível que Jesus diga isto? Jesus fez milagres impressionantes, mudou a água em vinho, com cinco pães alimentou mais de cinco mil pessoas, ressuscitou três mortos (a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro), e diz que nós faremos mais?

Ficamos desconcertados porque nos esquecemos de que Jesus não veio “para” fazer milagres. Se os fez, foi para confirmar com um selo divino a veracidade da sua doutrina e a autenticidade da sua missão redentora. Quase no final do seu caminho terreno, quando a perseguição contra ele ia fechando o cerco, Jesus disse àqueles que o tinham visto, que tinham contemplado milagres, mas não acreditavam nele: *As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim; mas vós não credes* (Jo 10,25-26).

No final da Última Ceia, ao dirigir ao Pai a “oração sacerdotal”, antes de se iniciar a Paixão, dizia-lhe: *Pai, chegou a hora... Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me deste para realizar* (Jo 17,1.4).

De que obra fala? Da Redenção, da salvação do mundo. *O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos* (Mt 20,28). Esta é a “obra” de Cristo, muito maior do que os milagres: resgatar, redimir os homens e as mulheres do pecado, do poder do demônio, do poder da morte; enviar-lhes o Espírito Santo, o Amor de Deus em pessoa, para purificá-los e santificá-los, para transformá-los em filhos de Deus, capazes de serem “outros Cristos” e de alcançarem, no fim, a vida eterna. Dessa “obra” nós somos beneficiários, participantes e colaboradores.

A obra redentora de Cristo tem como fruto a graça do Espírito Santo, que nos santifica e nos acompanha até o Céu. Essa fé, a certeza de sermos *chamados à santidade* (Rm 1,7) e à glória eterna é, para nós, motivo de grande

alegria. “Nesta vida só há uma tristeza — diz um personagem do romancista Bernanos —, é a de não ser santo”. *Sede imitadores de Deus, como filhos muito amados e andai no amor*, insiste São Paulo (cf. Ef 5,1-2).

Sempre comove verificar a alegria que a fé e a presença de Cristo infundem em mulheres ou homens que sofrem muito, como agora tantas vítimas da pandemia. Padecem e, no entanto, estão serenas, e aceitam com paz terem que sofrer e até oferecem as dores pedindo a Deus pelos outros enfermos e pela conversão dos que estão afastados de Cristo. Rezam com a certeza de que Jesus e Nossa Senhora estão ao pé deles e não os abandonam.

Já leu a vida de São Maximiliano Kolbe, especialmente a descrição do seu martírio no campo de concentração de Auschwitz? Os carrascos do campo de concentração nazista, em punição por uma fuga, determinaram dizimar os presos (matar um de cada dez). A sorte negra caiu, entre vários outros, em um pai de família chamado Franciszek Gajowniczek, que gemia e chorava falando da mulher e dos filhos. São Maximiliano ofereceu-se para trocar a sua vida pela dele. O castigo consistia em deixá-los morrer de fome e sede, trancados nas terríveis “câmaras da fome”. Ali foi preso o frei Maximiliano. Em pouco tempo, de cada uma dessas celas saiam gemidos, prantos e gritos lancinantes. Da cela onde estava São Maximiliano só saía o som de orações e cânticos espirituais.

Jesus nos promete que, além de fazermos obras maiores do que as dele, tudo o que pedirmos em seu nome ele o fará. Isso também deixa-nos perplexos, pois pedimos muitas coisas que não recebemos. Mas... será que não recebemos?

Medite devagar nestas palavras de Jesus: *Pedi, e recebereis; buscai, e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo o que pede, recebe; o que busca acha; ao que bate se abrirá. Quem de vós, sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez de peixe lhe dará uma serpente? Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem!* (Lc 11,9-13). Repare: Promete-nos que, seja qual for o nosso pedido, receberemos sempre o Espírito Santo. E, se nos convém, o favor material ou espiritual que solicitamos.

A graça do Espírito Santo é o único bem que verdadeiramente importa. Se Deus nos desse todos os bens terrenos que lhe pedimos, sem a graça, partiríamos com as mãos vazias desta vida para uma eternidade infeliz. Leia, por favor, Lc 12, 16-21.

Pense, para completar a reflexão, que todas as graças e dons do Espírito Santo nos são dadas por intermédio de Jesus, Mediador entre Deus e os homens, que, como lemos na Escritura, está glorificado à direita do Pai (ou seja, na glória da Trindade), *sempre a interceder por nós* (cf. Rm 8,34 e Hb 7,25).

Portanto, cumpre-se agora, e se cumprirá até o fim dos séculos, a promessa de Nosso Senhor: *Se me pedirdes algo em meu nome, eu o farei* (Jo 14,14).

Décima primeira meditação: “Este é o que me ama”

Contemplávamos, junto com os onze apóstolos sentados à mesa da Última Ceia, Jesus, que nos dizia: *O que pedirdes em meu nome, eu o farei; se pedirdes algo em meu nome, eu o farei* (Jo 14,13-14); e comentávamos essas palavras, procurando entender seu verdadeiro sentido.

Vamos meditar agora sobre outras palavras que Jesus disse a seguir: *Se me amais, guardareis os meus mandamentos... Quem tem os meus mandamentos e os observa, este é o que me ama* (Jo 14,15 e 21). Nosso Senhor repete — e insistirá outras vezes — que o amor está em cumprir, em observar os Mandamentos de Deus, os preceitos e as palavras de Cristo.

Talvez essas expressões, e concretamente a palavra “mandamentos”, nos sugiram o formalismo frio de uma série de obrigações a cumprir. Será que amar consiste em cumprir artigos de códigos, leis? Se você sente isso é porque, inconscientemente, associa os “mandamentos” de Deus às normas legais que promulgam os governos dos diversos países. Os mandamentos... leis frias? Não! Se pensamos assim ainda não estamos nem no vestíbulo da compreensão dos mandamentos cristãos.

Os mandamentos da Lei de Deus, elevados à perfeição por Cristo, são o roteiro do amor verdadeiro, porque manifestam — num mundo em que a confusão de caminhos é muito grande — a vontade de Deus, que sempre nos guia para o amor, para o nosso verdadeiro bem. São João Paulo II escreveu: “Deus, que é o único bom, conhece perfeitamente o que é bom para o homem e, devido ao seu mesmo amor, o propõe nos mandamentos” (Enc. *Veritatis splendor*, n. 35).

O amor não consiste em efusões sentimentais, que são volúveis, mas em “identificação de vontades”, da nossa vontade com a de Deus. Amor verdadeiro foi o de São Paulo, que no próprio instante do seu encontro com Jesus, a primeira coisa que perguntou foi: *Que devo fazer, Senhor?* (At 22,10). Mal conheceu a vontade de Deus a seu respeito, lançou-se com todas as suas forças a realizá-la, dia após dia, até a hora da morte. *Eu vivo* — afirmava —, *mas já não sou eu que vivo, pois Cristo vive em mim* (Gl 2,20). Por isso pôde escrever sinceramente, poucos dias antes de ser martirizado: *Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé* (2Tm 4,7).

Vejamos dois pontos de meditação sobre as palavras de Jesus que agora nos ocupam.

- Em primeiro lugar, convém lembrar a clareza com que Jesus nos ensinou, repetidamente, qual é o primeiro e principal mandamento: “*Amarás o*

Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento”. Esse é o maior e o primeiro mandamento. Ora, o segundo é semelhante a este: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”. Toda a lei e os profetas dependem desses dois mandamentos (Mt 22,37-40).

Repare. Toda a Palavra de Deus, os preceitos da lei divina, as exigências dos profetas, estão como que dependurados desses dois suportes fundamentais. Qualquer ação que exclua o amor a Deus e aos outros, aos olhos de Deus cai no chão e se faz pedaços.

Veja como essa certeza estava viva entre os primeiros cristãos. São João, na sua primeira Carta, diz: *Nisto reconhecemos que amamos, os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos; pois este é o amor de Deus: observar os seus mandamentos, e os seus mandamentos não são pesados (1Jo 5,2-3). E este mandamento dele recebemos: Aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão (1Jo 4,21).*

• Segundo ponto: Jesus fala concretamente dos “meus” mandamentos. Não é que haja mandamentos ou conselhos de Jesus que se afastem dos dez Mandamentos ou revoguem alguns deles. Como Cristo dizia no Sermão da Montanha: *Não vim abolir a Lei, mas levá-la à sua perfeição (Mt 5,17)*. Essa perfeição consiste em elevar cada mandamento, escada acima, ao nível do amor com que Jesus os praticou e ensinou; o mesmo amor que o Espírito Santo, com a sua graça, nos capacita para imitar.

Lembra dos exemplos que Jesus dava? *Ouvistes o que foi dito, amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo, porém vos digo, amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem e vos odeiam (Mt 5,43-44)*. Lembra-se ainda do que Jesus chama seu “mandamento novo”, que acima meditamos: *Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros (Jo 13, 34-35)?*

Em consonância com este mandamento, Jesus nos dá vários dos seus “preceitos”: *Não julgueis e não sereis julgados. Não condeneis e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados (Lc 6,37)*.

Na prática da vida cristã, há uma santa “roda viva”: quem cumpre sinceramente, de coração, os mandamentos, este é o que ama Jesus. E aquele que ama Jesus, com um amor pessoal de amizade e intimidade, espontaneamente cumpre os mandamentos.

Nesse clima de amor mútuo, sem o qual o cristianismo não se pode entender, a alma fiel experimenta o que comentava Bento XVI na sua Encíclica *Deus caritas est* [Deus é amor]: “O nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser, para mim, uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade... Cresce, então, o abandono em Deus, e Deus torna-se a nossa alegria” (n. 17).

Termino esta meditação pedindo a Nossa Senhora que nos ajude a rezar sinceramente esta oração de São Josemaria: “Jesus, eu me ponho

confiadamente nos teus braços, escondida a minha cabeça no teu peito amoroso, pegado o meu coração ao teu coração: quero, em tudo, o que Tu queiras!” (*Forja*, n. 529).

Décima segunda meditação: “A vós convém que eu vá”

Quanto mais vamos adentrando naquela conversa cheia de intimidade e ternura que Jesus teve com os apóstolos na Última Ceia, mais descobrimos novos tesouros. Descobrimos concretamente, entre outras realidades, que há uma alegria que domina o coração de Cristo naquela noite (paralela àquela alegria de se dar a nós na Eucaristia, que já comentamos): é a certeza que tem de que, como fruto do seu sacrifício redentor na Cruz, virá a nós o Espírito Santo, o Amor divino no seio da Trindade.

“Deus é o amor — lemos no *Catecismo da Igreja Católica* — e o amor é o primeiro dom. Ele contém todos os demais. Esse amor, Deus o derramou em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (n. 733). Não podemos esquecer que nos foi dado como “fruto da Cruz”.

Ao ler e meditar com calma a conversa de Jesus com os apóstolos na Última Ceia (os capítulos 13º a 16º de São João, que estamos meditando), verificamos que o Senhor quatro vezes do Espírito Santo, em diferentes contextos. Seu coração arde ao pensar que, em virtude da sua entrega na Cruz para a remissão dos nossos pecados, o Amor de Deus poderá entrar na nossa alma, *lavada* pelo sangue de Cristo (cf. Ap 1,5), por meio do Espírito Santo que receberemos (cf. Rm 5,5).

A primeira vez em que Jesus fala do Espírito Santo é após ter afirmado “*se me amais, guardareis os meus mandamentos*”. A isso acrescenta: *E eu o rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que permaneça convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós* (Jo 14,15-17).

“Permanecerá”, “estará em vós”. A fé nos ensina que, na alma em graça, habita o Espírito Santo como num templo (1Cor 3,16), infundindo a sua luz e a sua força “divinizantes”, como diziam os antigos Santos Padres.

Inseparável do dom do Espírito Santo é o mistério que Jesus revela em resposta a uma pergunta de Judas Tadeu: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada* (Jo 14,23).

O Espírito Santo e, com ele, inseparáveis, o Pai e o Filho, farão a *sua morada* na alma redimida, purificada. É o que a teologia chama “habitação, ou in-habitação, da Trindade na alma do justo”. É um mistério adorável, que nunca acabaremos de aprofundar nem de agradecer.

Com isso, Cristo nos ensina que a vida cristã é infinitamente mais do que um programa de vida correta ou um sistema de elevados valores morais: **é** participação sobrenatural na vida íntima da própria Trindade Santíssima; é

mesmo viver com Deus, por ele e nele. Que razão tinha São Leão Magno ao repetir nos seus sermões a exclamação: “Reconhece, cristão, a tua dignidade!”. Depois disso, pode nos estranhar que a vocação do cristão seja uma vocação para a santidade?

A importância do dom do Espírito Santo, ~~—e, com ele, o Pai e o Filho—~~, merecido por Cristo na Cruz, podemos vislumbrá-la escutando esta nova referência ao Paráclito que o Senhor fez na Ceia: “*Agora vou para aquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: ‘para onde vais?’.* Mas porque vos falei assim, a tristeza encheu o vosso coração. Entretanto, digo-vos a verdade: convém a vós que eu vá. Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei” (Jo 16,5-7). É como se dissesse, o sacrifício total da minha vida na Cruz valerá a pena pelo fruto que dele vai decorrer: o envio do Espírito Santo.

Com que simplicidade falava o Santo Cura d’Ars, São João Maria Vianney, desses mistérios divinos: “Sem o Espírito Santo, somos como uma pedra no caminho. Apanhem numa mão uma esponja ensopada em água, e na outra um pequeno seixo, uma pedrinha; da pedra não vai sair nada, da esponja, pelo contrário sairá água abundante. A esponja é a alma cheia do Espírito Santo e o seixo é o coração duro e frio em que não habita o Espírito Santo”.

Como é expressiva do que estamos meditando a “Sequência” da Missa de Pentecostes: *Espírito de Deus, enviai do céu, um raio de luz. // Pai dos miseráveis, vossos dons afáveis dai aos corações. // Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio, vinde! // No labor descanso, na aflição remanso, no calor aragem. // Enchei, luz bendita, chama que crepita, o íntimo de nós. // Sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele. // Ao sujo lavai, ao seco regai, curai o doente. // Dobrai o que é duro, guiai-nos no escuro, o frio aquecei. // Dai à vossa Igreja, que espera e deseja, vossos sete dons. // Dai em prêmio ao forte uma santa morte, alegria eterna.*

Peçamos a Nossa Senhora, Esposa do Espírito Santo, que nos faça compreender essas realidades sobrenaturais da existência cristã, e vivê-las.

Décima terceira meditação: Não vos deixarei órfãos

Depois de nos falar do dom do Espírito Santo, que *permanecerá convosco e estará em vós* (Jo 14,17), Jesus continua: *Não vos deixarei órfãos, voltarei a vós. Ainda um pouco de tempo e o mundo não mais me verá, mas vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis* (Jo 14,19).

Você percebe a grandeza do Coração de Jesus, verdadeira “fornalha de amor”, como o chama a Liturgia? Naquelas horas de despedida dos apóstolos — como já víamos — só se preocupa com animá-los, consolá-los e infundir-lhes esperança, empolgá-los com a missão que eles irão realizar, como continuadores da obra de Cristo.

Jesus não se lembra, não quer se lembrar, de que eles o negarão, o abandonarão, de que protagonizarão a triste profecia de Zacarias: *Ferirei o pastor e se dispersarão as ovelhas do rebanho* (cf. Mt 26,31; Zc 13,7). O Senhor não pensa em agravos e mágoas, só pensa neles, seus discípulos, seus amigos; só pensa no bem deles!

Não vos deixarei órfãos... Voltarei... Eu vivo e vós vivereis. São palavras que se dirigem também a cada um de nós. São palavras-chave desse trecho do Evangelho que agora meditamos, palavras do Filho de Deus que evocam aquelas outras da parábola do bom Pastor: *O bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas... Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância* (Jo 10,10-11).

Eu vivo e vós vivereis. Vem ao pensamento o discurso do Pão vivo, que São João recolhe fielmente no capítulo sexto do seu Evangelho.

Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... A minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue, verdadeira bebida, quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim (Jo 6,51.56-57).

Desde que o Espírito Santo encheu a Igreja com a sua luz, os cristãos amam, como um imenso tesouro, a Eucaristia: Jesus que permanece junto de nós com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma e sua Divindade, Jesus que se nos dá como alimento. Veja a firmeza com que São Paulo corrige alguns abusos dos Coríntios: *Falo a vós como pessoas sensatas: julgai vós mesmos o que digo. Porventura o cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que partimos, porventura não é comunhão com o corpo de Cristo?* (1Cor 10,15-16).

Não vos deixarei órfãos! “Ficou para ti”, dizia São Josemaria (*Caminho*, n. 539). Tomemos consciência dessa generosidade do Coração de Cristo, recordando o que dizia Santa Teresa de Ávila: “Ei-lo aqui, no Sacrário, Jesus, companheiro nosso no Santíssimo Sacramento, pois parece que não esteve em suas mãos apartar-se de nós um só momento. Entretanto, nas minhas mãos esteve eu apartar-me de Vós, Senhor meu”. E, dizendo isso, Santa Teresa chorava!

É na Eucaristia, principalmente, que Jesus cumpre a promessa que nos fez ao despedir-se, no dia da Ascensão: *Eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos* (Mt 28,20).

Reparou que, nessa frase, o verbo está no tempo presente? *Estou convosco.* Não se comove ao pensar que Jesus na Eucaristia está provavelmente a poucos metros da sua casa; e que, quando viaja pelo país, o encontra em todas as cidades; e, se alguma vez tem que ir ao estrangeiro por qualquer razão, em qualquer igreja católica terá a certeza de que Jesus em pessoa está lá à sua espera no Sacrário, na Missa que se celebra, na Comunhão que vai ser distribuída...?

São João Paulo II, na sua primeira Encíclica *O Redentor do homem*, comenta as três dimensões do mistério eucarístico: *Sacramento Sacrifício*, *Sacramento Comunhão*, *Sacramento Presença*.

Em todas as dimensões há o dom da *presença real* de Jesus Cristo. Na Missa, atualiza-se — para além do tempo e do espaço — o Sacrifício de Jesus oferecido na Cruz para a nossa salvação. Na Comunhão, nós o recebemos, e ele, como diziam os Santos Padres antigos, vem fundir-se conosco, fazer-nos um com ele. No sacrário ou no ostensório, quando há exposição do Santíssimo, Jesus está diante de nós, vivo, olhando-nos, ouvindo-nos e fazendo chegar à alma, sem barulho de voz, palavras íntimas, personalizadas.

Podemos falar-lhe como um amigo fala com um amigo, como um filho fala ao pai, como um irmão fala a um irmão! No Sacrário de todas as igrejas. Ali, uma lamparina simples diz-nos: Aqui está o nosso Amor, aqui está aquele que te ama. E nós? Como correspondemos? Na sua belíssima encíclica sobre a Eucaristia, São João Paulo II escrevia: “Como não sentir a necessidade de permanecer longamente, em diálogo espiritual, adoração silenciosa, atitude de amor diante de Cristo presente no Santíssimo Sacramento? Quantas vezes, meus queridos irmãos e irmãs, fiz essa experiência recebendo dela força, consolação, apoio!” — e acrescentava que ele se sentia como São João na Última Ceia, reclinando a sua cabeça no peito de Nosso Senhor!

A dor que nos produz agora, na reclusão forçada da pandemia, não poder participar da Missa, não poder comungar, não poder fazer-lhe companhia perto do Sacrário, deve ser um forte incentivo para fazermos muito atos de união espiritual com ele, muitas adorações à distância, muitas comunhões espirituais, como nos recomenda o Papa Francisco. E, quando terminar a quarentena, procuraremos compensar generosamente o que agora nos foi impossível fazer. Iremos com mais empenho, mais frequência e mais constância ao encontro de Jesus na Santíssima Eucaristia, nas suas três dimensões.

Vamos tirar desta meditação o propósito de amar muito esse Sacramento que — como lembrava o último Concílio — “contém todo o bem espiritual da Igreja”.

Peçamos a Nossa Senhora que infunda em nós um amor muito grande à Sagrada Eucaristia, que se traduza em propósitos de corresponder com mais carinho a essa “loucura de amor”, como São Josemaria chamava a este mistério.

Décima quarta meditação: Ele vos conduzirá à verdade plena

Lembra-se de que na 12ª meditação dizíamos que, no diálogo da Última Ceia, Jesus falou quatro vezes do Espírito Santo? Comentávamos então a primeira vez que o mencionou: *Eu o rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que permaneça convosco para sempre, o Espírito da Verdade* (Jo 14,16).

Numa segunda vez, Jesus explica o que quer dizer com “Espírito da Verdade”: *O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse* (Jo 14,26).

Numa terceira vez, complementa: *Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim* (Jo 15,26).

E, na quarta vez: *Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade completa* (Jo 16,12-13).

Você já reparou como Jesus liga o conhecimento da Verdade à graça do Espírito Santo?

Acontece que, contando com as nossas forças, com a razão, com a ciência, com a experiência, somos incapazes de captar a Verdade tal como Deus a vê (cf. 1Cor 2,14). Para chegarmos a ela, precisamos da luz da palavra de Jesus e da graça e os dons do Espírito Santo. Sem esse auxílio divino, ficamos no escuro.

Quando Jesus dizia “*Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida*” (Jo 8,12), deixava bem claro que precisamos abrir o coração ao dom da fé, pelo menos não trancar-lhe as portas; que precisamos ter a boa vontade de acolher a palavra de Cristo e as luzes do Espírito Santo. Só então é que se *iluminarão os olhos do nosso coração* (cf. Ef 1,18).

Pense: Será que eu tenho o coração aberto? Há tantas coisas que o fecham ou o deixam na penumbra da dúvida! Muitos, cheios de um receio egoísta, não querem “nem saber”, para não terem que mudar. O orgulho faz com que nos julguemos sábios quando, na realidade, em matéria de religião, estamos no “prézinho”. Ao lado disso, são inúmeros os que se fecham por falta de caráter: preferem esquivar a fé ou a negá-la, porque desejam continuar a se sentirem aceitos como “normais” dentro do ambiente anormal do “politicamente correto”...

Quando uma alma não tem os olhos do coração iluminados pelo Espírito Santo, é natural que ache as coisas de Deus, as coisas da Igreja Católica, absurdas, ultrapassadas. Que Deus nos ajude, a todas e a todos, a não cair naquilo que já profetizava Isaías, e que Jesus cita no final da parábola do semeador: *O coração deste povo se endureceu* (literalmente diz: *encheu-se de gordura*) *e eles ouviram com o ouvido indisposto. Fecharam os seus olhos, para não verem com os olhos, para não ouvirem com os ouvidos nem entenderem com o coração, nem se converterem para que eu os pudesse curar* (Mt 13,15; Is 6,9 ss.).

Quantos corações estão entupidos pela gordura da sensualidade, pela gordura da preguiça, pela gordura da procura louca do prazer mesmo à custa da saúde, pela gordura da falta de caridade com os irmãos...

É um retrato do que pode acontecer. E acontece de fato, infelizmente. Não fuja da fé, não fuja da Verdade! A luz da vida e da doutrina de Cristo é,

como dizia São João da Cruz, como uma mina de ouro ou pedras preciosas; por mais que se aprofunde nela, sempre se abrem novas galerias, sempre aparecem novos veios, novos tesouros, que ninguém esgotará jamais.

Santo Efrém, o Sírio, um diácono do século IV, poeta, que é um dos Padres da Igreja, dizia — de modo semelhante — que a Palavra de Deus é como uma fonte: todo o mundo pode beber dela até se saciar, mas, por mais que muitos bebam muito, não se esgotará jamais, sempre continuará a jorrar.

Há tanta Verdade a conhecer! Há tanto a estudar, a meditar, a aprofundar! Por que não pedimos humildemente ao Espírito Santo, com palavras da liturgia da Igreja: “Vinde, Pai dos pobres; vinde, doador das graças; vinde, luz dos corações!” “Ó Luz felicíssima, enchei até o íntimo dos corações de vossos fiéis!”?

Ao meditar nessas coisas, comove-me lembrar que São Josemaria rezava assim: “Que eu veja com teus olhos, Cristo meu, Jesus da minha alma!”; porque há tantos que se dizem sábios e atualizados, mas têm as vistas cobertas de terra e só enxergam através das lentes das ideologias, das filosofias materialistas ou de perspectivas incompatíveis com a Palavra de Deus. E não reparam que caíram nas redes daquele a quem Jesus chamou *mentiroso e pai da mentira* (Jo 8,44).

Não sente ânsias de pedir ao Espírito Santo que infunda na sua alma os seus dons: o de entendimento, para aprofundar cada vez mais nas verdades de Deus; o de sabedoria, para ver essas verdades com o calor e o sabor do amor, em sintonia íntima com Deus; o de ciência, que faz apreciar as coisas da terra em seu verdadeiro valor: nem desprezá-las, nem idolatrá-las; o dom de conselho, para que possamos ver-nos a nós mesmos como Deus nos vê e descobrir o que deveríamos aconselhar aos outros...

Peçamos a Nossa Senhora que interceda por nós, para que o Espírito Santo nos auxilie, ao longo da vida, a manter o nosso coração aberto, e a nos deixarmos *conduzir à verdade completa*.

Décima quinta meditação: A minha paz vos dou

Numa das ocasiões em que Jesus anunciou o dom do Espírito Santo, acrescentou umas palavras que hoje vamos meditar: *Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou, eu não a dou como o mundo a dá, não se perturbe, nem se intimide o vosso coração* (Jo 14,27).

É impressionante verificar de novo que, ao longo do diálogo de despedida no Cenáculo, Jesus não pensa em si mesmo, só pensa em animar, confortar, ajudar os apóstolos, sabendo que terão de enfrentar o terrível abalo da Paixão.

Jesus promete-lhes a paz, numa hora em se anunciam as grandes angústias. Vale a pena escutá-lo, porque não fala só para eles, fala também para nós.

Antes de ele nascer em Belém, o pai de São João Batista, Zacarias, profetizou que Jesus viria ao mundo *para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e guiar os nossos passos no caminho da paz* (Lc 1, 79). E, quando nasceu em Belém, os anjos anunciaram que, com ele, chegava a paz: *Paz na terra aos homens de boa vontade* (Lc 2,14).

A paz é um grande anseio do coração humano: paz na consciência, paz na família, paz no trabalho, paz entre as nações, paz no mundo! Temos, porém, a experiência de que o mundo só nos dá um pouco de paz em breves parênteses de bonança.

Jesus fala da “sua paz”, não de uma paz genérica. E afirma que é uma paz que o mundo não pode dar: uma paz íntima, profunda, estável, que ninguém pode roubar, uma paz que perdura mesmo no meio das tempestades; é a inexplicável paz dos santos, dos mártires, a paz das bem-aventuranças (cf. Mt 5,3-12), que se prolonga na beatitude da vida eterna... Essa é a que Jesus promete dar.

Quando nos convenceremos de que somente em Cristo podemos achar a paz interior que, como as águas profundas do oceano, nenhum vento, nenhuma batalha, nenhuma tormenta pode perturbar? A paz de Cristo não é um sentimento passageiro, não é uma serenidade precária, não é um tranquilizante de farmácia, mas uma paz *verdadeira*.

Prestemos bem atenção às palavras de Cristo que hoje nos servem para meditar. *Deixo-vos a paz* — diz Jesus —, *a minha paz vos dou*. “Dou!” A paz cristã é um *dom* divino. São Paulo a chama *fruto do Espírito Santo* (Gl 5,22-23).

A “minha paz”! É dele, porque é um dom que Jesus ganhou para nós morrendo na Cruz, livrando-nos do mal do pecado e derramando na alma a graça santificante, que nos une a Deus e nos identifica com Cristo.

Ao prometer a paz, Jesus — como víamos — esclarece: *Não a dou como o mundo a dá*. Enquanto estivermos escravizados ao mundo, com os olhos míopes, limitados às aparências terrenas, com o coração atulhado de matéria, carne e pó... será inútil que procuremos a “paz”.

Você não percebe que, num mundo que está virando as costas para Deus, são cada vez mais numerosas as pessoas que vivem num clima de angústia, dor e agitação? Multiplicam-se os que caem no desencanto, na decepção, na vertigem do vazio; até chegarem à depressão e ao desespero.

Os que não querem ou não sabem encontrar a paz em Deus, procuram-na mediante a fuga! Buscam qualquer coisa — por absurda e aberrante que seja — que lhes sirva para se desligar da realidade, para esquecer, para “viajar”, para fugir de uma vida que os acabrunha e oprime. E não se dão conta de que esse substitutivo da paz, a exacerbação do prazer, do álcool, do sexo descontrolado, das drogas... é mais traiçoeiro que Judas.

Essas fugas costumam acabar num triste *shock* de decepção, porque não é possível a alienação permanente. Sempre continuarão a se agitar no coração, como borbulhas de água gaseificada, as impaciências, as revoltas, os

ressentimentos, as reclamações, as frustrações... das quais parece impossível escapar.

No entanto, estejamos certos de que Jesus continua nos dizendo agora, como dizia aos discípulos: *Vinde a mim todos os que estais aflitos sob o peso do vosso fardo, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo [a minha cruz] e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis repouso para as vossas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo leve* (Mt 11,28-29).

Dizíamos que a paz é um dom. Agora precisamos compreender que a paz é, também, uma vitória. Ouça o que São Paulo diz aos colossenses: *Acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. Triunfe em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados* (Cl 3,14-15). O triunfo vem depois da luta, da competição esforçada, da batalha.

São Josemaria não se cansava de pregar essa verdade: “Cristo é a nossa paz porque venceu; e venceu porque lutou no duro combate contra a maldade acumulada nos corações humanos. Cristo, que é a nossa paz, é também o Caminho. Se queremos a paz, temos que seguir os seus passos. A paz é consequência da guerra, da luta, dessa luta ascética, íntima, que cada cristão deve sustentar contra tudo o que na vida não for de Deus: contra a soberba, a sensualidade, o egoísmo, a superficialidade, a estreiteza de coração. É inútil clamar por sossego exterior se falta tranquilidade nas consciências, no fundo da alma” (*É Cristo que passa*, n. 73).

Aos que têm a sinceridade e a coragem de lutar, São Paulo dirige estas palavras: *Então, a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus* (Fl 4,7).

Mas não se esqueça do que lemos acima: a paz, esse tesouro interior, é o “prêmio” do amor generoso, do amor-doação que sabe carregar o *fardo* de Cristo — um peso que se torna *leve* pelo amor —, pensando no bem dos outros e esquecendo-se de si mesmo.

Anime-se a entrar por essa senda que parece difícil, mas que é suave e alegre. Vale a pena. Vivendo assim, poderemos chegar a sentir o que sentia Santa Teresa de Ávila:

“Nada te turve,
nada te espante
pois tudo passa.
Deus nunca muda.
A paciência tudo alcança.
Quem a Deus tem,
nada lhe falta.
Só Deus basta!”.

Nossa Senhora, Rainha da Paz, ajudai-nos a compreender o que hoje procuramos meditar: qual é o caminho que, com Jesus, conduz para aquela paz que nada no mundo pode dar.

Décima sexta meditação: “Permanecei no meu amor”

Continuemos participando da Última Ceia, de olhos fixos em Jesus e atentos à sua palavra.

Agora, iniciando o capítulo 15º do Evangelho de São João, ouviremos umas palavras de Jesus, que nos mostram o que é a vida cristã “por dentro”: a parábola da videira e das varas. Prestemos atenção, porque a citação é um pouco longa:

Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não dá fruto em mim, ele o corta, e todo ramo que dá fruto, ele o poda para que dê mais fruto... Permanecei em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira, assim também vós não podereis dar fruto, se não permanecerdes em mim. Aquele que permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim, nada podeis fazer... Permanecei no meu amor (Jo 15,1-5.9).

A imagem é clara. Os ramos de uma planta vivem da seiva que sobe das raízes. Sem a seiva, a planta morre, seca; ainda que, por um tempo, aparente ainda viver: *Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim.*

É uma alegoria clara. Mostra que a vida cristã não se reduz a um conjunto de normas éticas a serem observadas, de ritos externos a serem seguidos. É uma “vida”, uma vitalidade nova, que a nossa natureza não nos dá, mas que devemos receber de Cristo, com quem estamos vitalmente enxertados desde que recebemos o Batismo.

Essa nova vida nós a chamamos “graça”, a “graça do Espírito Santo”, para significar claramente que não é fruto da nossa capacidade humana, mas é doação *sobrenatural* da vida divina, conquistado para nós por Cristo redentor e infundida na alma pelo Espírito Santo (cf. 1Pd 1,3-4; Rm 5,5 e 6,3-4).

Com essa parábola, Jesus nos mostra que a “vida cristã” é essencialmente uma vida da alma, uma vida interior. Assim como a seiva vivifica interiormente os ramos, folhas e frutos, e, se faltar, tudo morre; assim também a graça, com as virtudes que Deus nos infunde juntamente com ela, é a energia nova que santifica os nossos pensamentos, palavras e ações.

Este é o sentido da expressão de Cristo: *Sem mim, nada podeis fazer.* Pelo contrário, com ele, unidos a ele, permanecendo nele, diremos, com São Paulo: *Posso tudo naquele que me dá forças* (Fl 4,13).

Decidamo-nos a levar a sério a vida da graça. Ela pode vegetar na tibieza, sem crescer nem renovar-se; pode morrer pelo pecado grave; ou pode crescer até dar copiosos frutos de virtudes e santidade.

Pense que, com a vida da graça, acontece algo análogo ao que acontece com o sangue, a nossa “seiva” corporal. Podemos enfraquecer por anemia, morrer por leucemia ou infecção; ou, pelo contrário, manter uma vitalidade firme cuidando da saúde, do exercício, da alimentação.

Também, analogicamente, o que acontece com a vida corporal, acontece com a vida espiritual.

Você não sabe que a vida espiritual precisa ser alimentada? *Procurai* — diz Jesus — *não o alimento que perece, mas o alimento que perdura até a vida eterna, alimento que o Filho do Homem vos dará* (Jo 6,27).

Onde estão as fontes desse alimento da alma? Em primeiro lugar, nos Sacramentos que Cristo nos deixou, mediante os quais ele, juntamente com o Espírito Santo, age pessoalmente nas nossas almas. Acima de tudo, depois do Batismo, na Eucaristia.

Fonte de vida sobrenatural é também a oração, em todas as suas formas: orações vocais, como o Pai nosso e o Rosário, o terço; orações mentais, em que falamos com Deus das nossas coisas e das dele como um filho fala com seu pai, ou um amigo com seu amigo; na leitura meditada da Palavra de Deus, que é um diálogo de tu a tu em que o Espírito Santo tem a primeira palavra. E também são fonte de graça as boas ações inspiradas pelo amor a Deus e ao próximo...

Qual é o Sacramento que, depois do Batismo, nos obtém a cura de todas as doenças e até o renascimento após a morte espiritual? O Sacramento da Reconciliação, a Confissão, onde Jesus, como o Pai do filho pródigo, quando nos arrependemos, corre para nós com os braços abertos, disposto a nos limpar e cobrir de beijos, por mais numerosos e graves que tenham sido os nossos pecados.

E a **e**-Grisma, que fortalece a ação do Espírito Santo em nós. E a Unção dos enfermos, que nos traz o conforto e a cura espiritual, e às vezes até uma “impossível” cura corporal (eu, como tantos outros padres, sou testemunha **s** de autênticos milagres).

E o santo sacramento do Matrimônio, que faz entrar Cristo na vida da família que se inicia. O casal cristão, desde o começo, não é composto apenas por duas pessoas, marido e mulher, mas por três: Cristo, mulher e marido.

Peço-lhe que pense seriamente nisso que acabamos de meditar. Que Deus ilumine seu coração, não só para agradecer e procurar aproveitar ao máximo as fontes da graça, mas também para se convencer do dano que produz na nossa vida o abandono dessas fontes. Queria gravar a fogo estas convicções:

- sem a seiva da graça — separados da videira —, a inteligência não é capaz de captar as luzes da fé, as grandes verdades sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo.

- sem a graça, não temos a capacidade de amar com a potência do amor que o Espírito Santo *derrama em nossos corações* (cf. *Rm 5,5*).

- sem a graça ficamos sem forças, debatendo-nos inutilmente para nos elevar, como um pássaro com as asas cortadas.

Pense devagar nisso. É válido, não só no tempo da pandemia (em que Deus compensará, com sua bondade, a dor de muitos que não podem beber nas fontes da Santa Missa, da Comunhão e da confissão), mas é válido em todos e cada um dos dias e das idades da nossa vida.

Você não acha que, lembrando essas coisas, ganham um sentido novo as palavras de Jesus, várias vezes já citadas, no dia da Ascensão: *Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos séculos* (Mt 28,20)?

Décima sétima meditação: A prova do verdadeiro amor

Permaneça no meu amor (Jo 15,9). Assim terminava a citação que fizemos, na meditação anterior, da parábola da videira e das varas. Essa parábola se estende pelos dez primeiros versículos do capítulo 15º do Evangelho de São João. Comentando-a, o Papa Bento XVI fez notar que, nesses versículos, Jesus utilizou dez vezes o verbo “permanecer” (assim consta do original grego e da tradução oficial latina).

“Permanecer” é manter-se na mesma posição, no mesmo lugar, na mesma disposição... É uma palavra que também se pode traduzir por “perseverar”, continuar fielmente até o fim. Um amor a Deus, a Cristo, que não tenha essa permanência como qualidade essencial, não é verdadeiro amor. Aliás, nenhum amor é autêntico se não atravessa, sem se quebrar, a longa passagem do tempo e as montanhas das dificuldades.

É assim o amor que Deus tem por nós. Como o descreve bem a profecia de Isaías! *Ainda que as montanhas se retirem, e as colinas sejam abaladas, o meu amor não se retirará de ti, nem a minha aliança será abalada, diz aquele que tem compaixão de ti, o Senhor* (Is 54,10).

Deus é fiel, repete a Sagrada Escritura muitas vezes. Medite nas seguintes palavras do Antigo Testamento: *O Senhor é o Deus da lealdade* (Dt 3,4); *é rico em amor e fidelidade* (Ex 34,6-7); *é fiel em todas as suas palavras* (Sl 144,13); *a sua fidelidade permanece para sempre* (Sl 116,1-2).

Esse amor inabalável de Deus por nós atingiu seu cume na entrega de Jesus Cristo na Cruz, “por nós, homens, e para a nossa salvação” (liturgia da Missa).

Lembre-se de que começamos estas meditações sobre a Última Ceia com as palavras com que São João inicia o relato desse inesquecível encontro de despedida: *Jesus..., tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo 13,1). Até o fim! Nem os pecados de todos os homens, nem as brutalidades da Paixão, conseguem impedir que Jesus, agonizante, possa dizer: *Tudo está consumado, completei tudo!* (Jo 19,30). Segundos depois, inclinando a cabeça, exalou o espírito.

O amor de Deus por nós é fiel, permanece eternamente. A doação total de Jesus para a nossa salvação permanece também eternamente (especialmente na Eucaristia). E o nosso amor por Ele? É óbvio que, da nossa parte, essa permanência será impossível, se penduramos o nosso amor no fio frágil dos sentimentos, das emoções, das satisfações egoístas, do “não gosto”, “não sinto”, “só rezo quando sinto vontade...”.

A permanência é a pedra de toque dos verdadeiros amores. É muito fácil arranjar desculpas para ser infiel: “não dá”, “é difícil”, “não é o que eu esperava”, “eu me decepcionei”... Difícil é dizer “sim” e mantê-lo.

O que você faz para enfrentar as dificuldades? Por acaso você quer um amor sem arestas, sem espinhos, sem cruces, sem problemas que exijam dar o melhor de nós mesmos? Sim? O que muitos querem é um amor que consista só em receber; e quando julgam que recebem pouco, acham natural jogá-lo no lixo como uma garrafa vazia. Jesus não fez, nem faz, assim! O seu amor perseverou e chegou ao máximo, *ao fim*, quando deu a última gota do seu sangue na Cruz.

Creio que nos pode ajudar, meditar com calma umas palavras da homilia de São João Paulo II no Santuário de Guadalupe, em sua primeira viagem ao México. Falava de Nossa Senhora, modelo da fidelidade para o cristão.

Lembrava que essa fidelidade consiste em “viver de acordo com o que se crê; ajustar a vida ao objeto (ao ideal) da nossa adesão; aceitar incompreensões, perseguições, antes que permitir rupturas entre o que se vive e o que se crê... Mas toda fidelidade deve passar pela prova mais exigente: a da *duração*... É fácil ser coerente na hora da exaltação, difícil é sê-lo na hora da tribulação. E só se pode chamar fidelidade uma coerência que dura ao longo da vida toda. O *faça-se de Maria na Anunciação encontra a sua plenitude no faça-se silencioso que repete ao pé da cruz*”.

É claro que a fidelidade não é simples continuísmo, apenas o formalismo de evitar a ruptura. Já foi dito que a fidelidade, ou é criativa, cheia de iniciativas renovadoras, ou não é nada.

É tocante o que dizia São Josemaria poucas semanas antes de morrer: “Sinto-me como uma criança que balbucia: estou começando, sempre recomeçando, e assim até o fim dos dias que me restem: sempre recomeçando”. E, na mesma época, falando do seu amor a Cristo, confidenciava: “Por Ele, com Ele, para Ele e para as almas vivo eu. Do seu amor e para o seu amor vivo eu, apesar das minhas misérias pessoais. E apesar dessas misérias, talvez por causa delas, o meu amor é um amor que todos os dias se renova”.

Queremos chegar um dia a poder dizer isso? Fixemos o olhar em Jesus, convençamo-nos de que o amor só amadurece na cruz, no sacrifício, na doação. Foi precisamente na Cruz que Jesus disse *tudo está consumado*.

Uma pessoa que ama não tropeça e se joga no chão quando aparecem dificuldades sérias, quando custa ser fiel. Ao contrário, como dizia São

Josemaria, “cresce perante os obstáculos”. Não se aproveita das dificuldades, das coisas inesperadas, das coisas que vão ficando mais pesadas, para fechar, com a mão de egoísmo e a mão de covardia, a janela do coração que tinha aberto para Deus e para os outros.

Gosto muito de uma frase curta do livro “O Senhor dos Anéis” de Tolkien, que diz: “Desleal é aquele que se despede quando o caminho escurece”.

Quantas pessoas, infelizmente, têm pressa para sair do caminho, quando fica escuro e custa mais. Nós, será que já dissemos “chega, chega, não aguento mais”, quando escurecia, com um egoísmo que parece sensato, mas que deixa na alma depósitos de tristeza.

Um caminho de fidelidade só pode ser forjado com a generosidade, que leva a abraçar, com fé, o sacrifício. Só a confiança perseverante na oração, nas graças da confissão e da comunhão, na intercessão maternal de Maria, nos alcançarão de Deus a fortaleza que só dele pode vir: *Porque tu és, Deus, a minha fortaleza* (Sl 43,2).

A Igreja, numa das suas orações ao Espírito Santo, pede: “Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado. E renovareis a face da terra”. O Espírito Santo é o amor de Deus, um amor que cria o que falta e renova o que murcha.

Se um dia o caminho ficar mais íngreme, recorramos confiantes à Nossa Mãe, a Virgem Fiel. Peçamos-lhe que nos ensine a dizer sempre a Deus um “sim”, um *faça-se*, como o que ela pronunciou no começo da sua vocação, e manteve sem falhas até o pé da Cruz.

Décima oitava meditação: “A vossa alegria seja plena”

Na última meditação, lembrávamos que, no fim da parábola da videira e das varas, Jesus disse: *Permanecei no meu amor* (1Jo 15,9). A palavra “permanecer” nos deu tema para a meditação.

Depois disto Jesus acrescentou: *Eu vos digo isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena* (Jo 15,11). Um pouco mais adiante, nessa mesma conversa com os apóstolos, lemos as seguintes palavras: *Também vós, agora, estais tristes, mas eu vos verei de novo e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria* (Jo 16,22).

Você já saboreou o mistério da alegria cristã? Dessa alegria que ninguém pode tirar? Parece um sonho, coisa irreal. É natural que essas afirmações de Jesus sobre a alegria nos deixem perplexos.

Exatamente a isso se referia o Papa Bento XVI, na meditação que fez na sessão inaugural do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, em 3 de outubro de 2005. A meditação estava baseada numa frase de São Paulo, que foi lida na recitação da Liturgia das Horas: *Alegrai-vos. Procurai a perfeição. Encorajai-*

vos (2Cor 13,11). Os três verbos dessa frase estão no imperativo, são uma ordem.

O Papa Bento pergunta: “É possível ordenar, mandar dessa forma a alegria? A alegria, podemos dizer, vem ou não vem, mas não pode ser imposta como um dever. Neste ponto, ajuda-nos a pensar o texto mais conhecido sobre a alegria das cartas paulinas: *Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos. O Senhor está perto* (Fl 4,4-5). Aqui percebemos o motivo por que Paulo, no meio de todos os seus sofrimentos e tribulações, podia dizer aos outros: *Alegrai-vos!* Podia dizê-lo porque ele possuía essa alegria. Se a pessoa amada, se o amor, se o maior dom da minha vida estiver próximo de mim, se eu puder ter a certeza de que aquele que me ama, Deus, está perto de mim, também nos momentos de tribulação, então, poderá manter-se firme no meu coração uma alegria maior do que todos os sofrimentos”.

Estamos em pleno mistério da vida cristã. Não é a filosofia, nem são as ciências humanas que nos vão esclarecer esse mistério. Só Deus, só o amor de Deus!

Eu gosto muito de umas palavras que Guimarães Rosa põe na boca de um menino, na novela intitulada “Campo Geral”, a história de Miguilim. No caso, quem fala é outro menino, o Dito, irmão de Miguilim. Dito feriu-se feio no pé e contraiu o tétano. Já está quase sem poder falar, se asfixiando. Essa criança, que para o autor é a encarnação da bondade pura num mundo confuso, dirige-se ao irmão e lhe diz: “Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro...”. É maravilhoso. Só um cristão pode entender isso: alegre, alegre mesmo; não só conformado, não só resignado, não só dominando-se estoicamente.

O que agora vou comentar não é um conto, mas um fato real que eu gosto de evocar muitas vezes. Faz bastantes anos, devia ser lá pelo começo dos anos 70, o Padre Rafael Cifuentes, do Opus Dei, que depois foi bispo de Nova Friburgo e agora já está com Deus, contou-me um episódio vivido por ele. Na época, era um padre jovem, professor da PUC de São Paulo, e foi chamado para atender um rapaz que ele orientava espiritualmente. O moço estava muito mal, grave, com uma doença que lhe provocava fortes dores físicas. O pe. Rafael contava: “Quando cheguei ao pé do doente no hospital, eu o vi sorrindo e com os olhos brilhantes. Aí, com um suspiro de alívio, disse-lhe: ‘Graças a Deus que você está se sentindo melhor, está com boa cara’. — ‘Não, respondeu, estou um pouco pior, dói bem mais, mas estou rezando o tempo todo e digo a Deus: sofro porque dói, mas sorrio porque te amo’”.

Essa é a alegria cristã! “Sorrio porque te amo!” Tudo depende do que há dentro do nosso coração. “Eu trago — dizia Pascal — os meus nevoeiros e o meu bom tempo dentro de mim”. A alegria não depende das coisas externas, nem sequer da saúde e a doença, mas do amor que trazemos dentro. Tinha muita profundidade São Tomás quando, na Suma Teológica, escrevia que a

alegria não é propriamente uma virtude autônoma, mas é o reflexo, o brilho, a reverberação do amor.

Eu penso que, num mundo materializado em que a fé de bastantes pessoas parece uma chaminada que crepita prestes a se extinguir, o afastamento de Deus faz desaprender de amar e apaga a alegria. Fala-se de amor como nunca, mas a maioria não sabe o que é.

Razão tinha o filósofo Carlos Cardona, um conhecido mestre da metafísica, quando num escrito de espiritualidade afirmava: “É realmente urgente que aprendamos de novo a amar, assim voltaremos também a sorrir. Os homens tornaram-se sombrios quando perderam o sentido do amor. Amando é como podemos dar um norte à nossa vida, assim também recuperaremos a simplicidade, somente assim viveremos como filhos de Deus”.

São Paulo, que nos “manda” estar alegres, tem moral para isso. Foi um homem constantemente perseguido, açoitado, encarcerado... Na prisão, escreveu várias das suas cartas mais profundas. Uma delas é a Carta aos Filipenses, que antes citava. Nela, diz com grande paz: *“Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito, alegrai-vos... O Senhor está perto. Não vos inquieteis com coisa alguma, mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, com ações de graças...”* (Fl 4,5-6).

É bom apresentar a Deus as nossas necessidades; mas antes de termos recebido nada, agradeçamos: porque nos escutou, porque sempre escuta, porque *está* perto.

Então — para citarmos de novo São Paulo —, *a paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos em Cristo Jesus* (Fl 4,7).

Você dirá que são coisas que escapam à lógica humana. Tem razão. Pertencem ao mundo da fé, ao mundo de Deus, que é mais real do que esta mesa onde estou agora trabalhando, mais real que estas quatro paredes, muito mais real que o mundo material que vemos e tocamos.

Invoquemos a Nossa Senhora, “causa da nossa alegria”. Que ela, a quem Bernadete viu em Lourdes com um sorriso nos lábios, nos ensine a entrar um pouquinho mais no mistério da alegria cristã.

Décima nona meditação: Amar é dar a vida

Jesus acaba de falar da alegria. Na mesma hora, olhando para os apóstolos, sente o impulso de lhes lembrar de novo seu testamento, o “mandamento novo”: *Este é o meu preceito: amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Ninguém tem maior amor, do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15,12-13).

Uma das nossas primeiras meditações foi dedicada ao mandamento novo da caridade. Não sei se reparou que esta segunda formulação do preceito traz uma novidade. É a frase final: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá*

a vida por seus amigos. Isso é o que Jesus, naquela mesma noite, se dispõe a fazer: dar a vida pelos que ama (entre os quais estamos você e eu). Saindo do Cenáculo, encaminha-se para o Horto de Getsêmani, e ali começa a Paixão: cai na terra o primeiro sangue, o do suor da angústia; a última gota cairá na Cruz.

Dar a vida! Às vezes, é preciso arriscar a vida pelo bem dos demais. Agora mesmo, na pandemia, é maravilhoso ver a generosidade com que médicos, enfermeiras e, em geral, pessoal da saúde e de outros serviços básicos estão arriscando a vida. Se for preciso, a darão para nos ajudar.

Contudo, o normal não é essa situação de emergência. Aos olhos de Deus, o normal é que nos demos a nós mesmos, pouco a pouco, todos os dias, pelo bem dos demais. Essa vida pode-se resumir com aquelas palavras que repetimos no Ato Penitencial da Missa; pedimos perdão a Deus e aos irmãos, porque “pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões”.

Primeiro, *pensamentos*. Sempre podemos dar mais “pensamentos” aos outros, ou seja, podemos pensar mais neles do que nas nossas preocupações pessoais: imaginar as alegrias que lhes podemos dar; preparar surpresas agradáveis; termos iniciativas carinhosas e engenhosas, que os ajudem a quebrar a monotonia da rotina, agora especialmente no tédio do confinamento.

Ao mesmo tempo, peçamos a Deus que nos ajude a cortar logo os nossos maus pensamentos, os maus juízos, as críticas internas. Cada vez que nos deixamos arrastar com raiva por um mau juízo, é como se pingássemos uma gota de ácido sulfúrico dentro do nosso coração; os maus juízos que, infelizmente, são tão habituais, vão cozinhando dentro da alma, a fogo lento, antipatias, aversões, raivas, vinganças... Peça ao Coração puríssimo de Maria um coração limpo desse lixo, um coração em que só tenham cabimento a compreensão, a desculpa e o perdão.

Depois dos pensamentos, pensemos também nas *palavras*. Tomara que as nossas palavras sejam como as de Cristo, que dizia: *As minhas palavras são Vida*. Como é maravilhoso isto! Ser uma pessoa que, pelo seu modo de falar, caridoso, compreensivo, carinhoso, positivo, sempre positivo, vai semeando vida à sua volta. Uma pessoa assim pode dizer, como Jesus: “As minhas palavras são vida”, porque são palavras que acordam, elevam, iluminam.

Eu procuro que as minhas palavras sejam como uma chuva benéfica sobre os corações dos demais? Palavras de compreensão, palavras de desculpa, saber relevar: “Eu entendo, não se preocupe”; palavras de carinho, palavras de estímulo. Não sejamos como alguns que parecem estar como um caçador, com a espingarda apontando para o que os outros dizem errado ou fazem mal, censurando-os o dia todo.

Procuremos fazer o contrário. Digamos palavras que tragam aos outros ânimo e confiança. Peçamos a Deus que purifique os nossos lábios de reclamações, de resmungos, de comentários ou expressões mal-humoradas, de ironias que ferem como farpas. Lembre-se de que Jesus nos disse que

pelas nossas palavras seremos justificados e pelas nossas palavras seremos condenados (cf. Mt 12,37).

Ao lado dos pensamentos e das palavras, examinemos os nossos atos. Gestos, atos, olhares... são incontáveis. São Josemaria, falando da caridade numa das suas homilias, dizia: “Que as nossas ações sejam coerentes, eficazes, acertadas, que tenham um bom perfume de Cristo, por recordarem o seu modo de se comportar e de viver” (*É Cristo que passa*, n. 156).

Quantas boas ações podemos fazer em cada dia! Muitos praticam, como vemos nestes dias, ações especialmente generosas, até mesmo heroicas; por isso, é um ato de justiça rezar muito por eles. Mas, de modo ordinário, nós vivemos na rotina das ações cotidianas.

Quantas boas ações “comuns” podemos fazer em cada dia! Pequenos serviços, detalhes de educação, gentilezas, agradecimento até dos menores serviços ou favores... Sempre lembro de um bom amigo, que faleceu já faz anos com bastante idade. Quando comemorou o Jubileu de Ouro do seu casamento, veio conversar comigo, pois queria preparar-se bem. Perguntei-lhe: “Qual acha que foi o segredo dessa união tão bonita que há entre você e sua esposa, ao longo de tantos anos?”. Sabe o que ele me respondeu? “Homem, a educação”. Sim, a educação: esforçar-se por evitar qualquer grosseria, por evitar qualquer indelicadeza, qualquer gesto, qualquer olhar de menosprezo, em suma, a educação.

Peçamos a Deus a graça de saber sorrir mesmo quando não tivermos disposição ou vontade. “Às vezes — dizia São Josemaria — precisamos ter ao nosso lado caras sorridentes”. Peçamos a Deus a graça de saber escutar: não só com paciência e sem fazer cara de quem está aguentando uma coisa chata; mas com interesse, prestando a mais amável atenção, mesmo que seja uma fala de dar sono.

Não falei dos atos de entrega que são os pequenos serviços materiais. Lembre-se de que já tocamos esse tema ao comentarmos o lava-pés.

Em quarto lugar, na Missa pedimos perdão pelas nossas *omissões*. Bastaria que puséssemos em “negativo” todos os conselhos de caridade que enumeramos acima, e sairia uma lista longa. É bom que ativemos agora o nosso exame perguntando-nos por que, em tantos momentos, nos fechamos em nós mesmos, e ficamos como um castelo trancado, que não acolhe nem dá nada aos demais.

A resposta é fácil. Porque nos acostumamos tanto a pensar nos nossos “direitos” — “tenho o direito de descansar”, “tenho o direito de que me deixem em paz”, “tenho o direito de receber essas atenções”, etc. —, que nos esquecemos de que não somos o centro do mundo, nem do trabalho, nem do lar, e de que os outros também têm seus direitos e, principalmente, as suas necessidades de afeto, ajuda e atenção.

Que acontece conosco? Com perspectiva cristã, eu lhe diria que o que nos acontece é que a nossa lareira espiritual está apagada, e por isso falta-nos

o impulso generoso que se experimenta quando cuidamos de manter aceso o fogo de Deus, a chama do Espírito Santo!

Para terminar, medite um pouco nestas belas reflexões do Papa Francisco:

- “Não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade, isto não é senão um lento suicídio... Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus” (Enc. *Evangelii gaudium*, n. 272).

- “Deixemo-nos renovar pela misericórdia de Deus, deixemo-nos amar por Jesus, deixemos que a força do seu amor transforme também a nossa vida, tornando-nos instrumento da sua Misericórdia” (Páscoa, 2013).

Que Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, nos acompanhe e ajude na boa disposição de viver assim.

Vigésima meditação: “Vós sois meus amigos”

Acabamos de ouvir, na meditação anterior, Jesus que nos fala de amar, até dar a vida pelos nossos irmãos.

O que vem a seguir, no diálogo da Ceia, leva-nos a um ponto central, talvez o mais central da nossa fé cristã: *Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer* (Jo 15,15).

Jesus nos chama *amigos*, o que Jesus deseja é que nós sejamos seus amigos, amigos de verdade. Com Jesus, nós não podemos ter apenas a relação de um discípulo para com o mestre, nem sequer a relação de um discípulo fervoroso (como se pode ser discípulo entusiástico de um filósofo, ou dos escritos de um santo ou de um poeta). Com Jesus, a relação do cristão deve ser pessoal, íntima: a que um amigo tem com seu melhor amigo.

Se ainda não a temos, é porque os nossos olhos estão vendados. Talvez nos aconteça o que descreve esta frase de *Caminho*: “Esse Cristo que tu vês não é Jesus. Será, quando muito, a triste imagem que podem formar teus olhos turvos” (n. 212).

Veja com que convicção, com que força de experiência espiritual, falava São Josemaria da amizade com Cristo: “Jesus é teu amigo. — O Amigo. — Com coração de carne como o teu. — Com olhos de olhar amabilíssimo, que choraram por Lázaro... — E, tanto como a Lázaro, te ama a ti” (*Caminho*, n. 422). “Um amigo é um tesouro... — Quanto mais... um Amigo!... que onde está o teu tesouro, aí está o teu coração” (*Caminho*, n. 421).

A Jesus, aplica-se ao pé da letra a parábola do tesouro escondido: *O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; um homem o acha e... cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo* (Mt 13,44).

Assim acontece com quem descobre e encontra Jesus. Abre os olhos e percebe que conhecer e amar a Cristo vale mais do que todos os tesouros da terra.

O Papa Francisco falou da amizade com Cristo desde o começo de seu Pontificado: “Todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno... Temos à disposição um tesouro de vida e amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano, e pode sustentá-lo e elevá-lo” (Enc. *Evangelii gaudium*, n. 265).

É interessante lembrar que o Cardeal Ratzinger, na homilia da Missa inaugural do Conclave, que acabaria elegendo-o Papa, explicava: “O Senhor define a amizade de um duplo modo. Não existem segredos entre amigos: Cristo nos diz tudo quanto escutou do Pai, dá-nos toda a sua confiança, também o conhecimento. Revela-nos o seu rosto, o seu coração. Mostra-nos a sua ternura por nós, o seu amor apaixonado que vai até a loucura da cruz... Fez de nós seus amigos, e nós, como correspondemos?”.

Não há segredos entre amigos! Você não está vendo, neste maravilhoso diálogo da Última Ceia, a confiança de Jesus, que abre o seu coração, e nos dá a conhecer sua intimidade com o Pai, a intimidade no seio da Santíssima Trindade entre Pai, Filho e Espírito Santo... E, depois, vai deixar que uma lança abra seu coração de carne, como símbolo da sua alma, aberta sempre a nós.

Você tem reservas que o impedem de se abandonar com confiança no coração de Cristo e de abrir-lhe totalmente a alma? Tem, por dentro, na consciência, recantos escuros que prefere não clarificar, onde prefere que a voz e o amor de Jesus não entrem; é melhor que não se “intrometam” para que você não tenha que mudar? Assim não é possível abraçar a amizade que ele lhe oferece. Você ainda não descobriu que Jesus é “o Grande Amigo que nunca traição” (*Caminho*, n. 88).

“O segundo elemento com que Jesus define a amizade — continuava Ratzinger — é a comunhão das vontades. *Idem velle — idem nolle* [querer as mesmas coisas, repudiar as mesmas coisas]. *Vós sereis meus amigos* — disse Jesus —, *se fizerdes o que vos mando* (Jo 15,14). A amizade com Cristo coincide com aquilo que o terceiro pedido do Pai-nosso exprime: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu*”.

“Nesta comunhão das vontades — acrescentava — realiza-se a nossa redenção: ser amigos de Jesus, tornar-se amigos de Deus. Quanto mais amamos Jesus, tanto mais o conhecemos, tanto mais cresce a nossa verdadeira liberdade, cresce a alegria de ser redimidos — obrigado, Jesus, pela tua amizade” (*Homilia*, 18/04/2005).

Vamos ouvir agora a oração de um confinado. Não, como nós, pela pandemia, mas pela sangrenta perseguição religiosa que deu legiões de mártires durante a guerra civil espanhola. São Josemaria era um sacerdote jovem e — como todos os padres católicos do país — era perseguido de morte. Tinha se refugiado na legação da República de Honduras, onde ficou

enclausurado, com um pequeno grupo de jovens membros do Opus Dei, em 1937. No pequeno quarto que ocupavam, faziam oração, São Josemaria rezava a Missa tendo como altar umas malas empilhadas, e lá pregava quase todos os dias àquela pequena turma.

Numa daquelas meditações dizia, orando em voz alta: “Jesus, ver-te, falar contigo, amar-te e sentir-se amado por ti. Tu sabes, Senhor, que te amo. Sim, confesso-te como Pedro, tu sabes que, apesar da minha miséria, eu te amo, e que, no meio das minhas loucuras, não deixei de te amar. Multiplica com o teu poder e a tua piedade, este amor que não tem limite nem medida. Fere o coração deste pobre homem, de todos os meus filhos... Envolve-nos na chama do teu amor... Meu Deus, que sejamos teus, somente teus!” (4/06/1937).

É a oração de uma alma santa, enamorada de Cristo, de uma alma de oração. Se queremos ter uma vida cristã mesmo, é preciso dedicar todos os dias um tempo, mais ou menos longo, a termos, no recolhimento e no silêncio, uma conversa íntima com Jesus: “com quem sabemos que nos ama”, como dizia Santa Teresa de Ávila.

Terminamos a nossa meditação pedindo a Nossa Senhora que nos ajude a descobrir a grandeza, a beleza e a profundidade da amizade, de coração a coração, com seu Filho Jesus.

Vigésima primeira meditação: “Eu vos escolhi”

Ouvíamos Jesus que nos dizia: *Eu vos chamei de amigos*. Agora nesta meditação, ouviremos o que ele espera dos seus amigos.

Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi, e vos designei para irdes e produzirdes fruto, e para que o vosso fruto permaneça (Jo 15,16). São palavras que Jesus dirige aos apóstolos. Mas também são palavras que ele dirige a todos os cristãos: a você, a mim, a todos. *Eu vos escolhi, eu vos designei*.

Somos escolhidos por Deus, primeiro, porque ele nos chamou à vida. Não somos como uma verruga que apareceu por acaso na pele do mundo, não somos um subproduto cego da evolução, somos criaturas de Deus, queridas por ele. Foi ele que criou a alma de cada um de nós: alma imortal, única, “minha”. Isso significa que Deus me quer, me ama pessoalmente e espera “algo” de mim! Diz-nos, com as palavras que dirigiu ao profeta Isaías: *Chamei-te pelo teu próprio nome, tu és meu!* (Is 43,1).

Em segundo lugar, ele nos escolheu para sermos cristãos, irmãos de Cristo, e irmãos entre nós (Rm 8,29). Deus Pai pode dizer a cada um de nós, desde o dia do nosso Batismo: *Tu és meu filho, eu hoje te gerei!* (Sl 2,7). Mediante o Sacramento do Batismo, o Espírito Santo nos fez nascer para uma vida nova: a vida dos filhos de Deus (Rm 6,4).

É impressionante o que São Paulo escreveu no começo da sua Carta aos Efésios: *Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos*

abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais nos Céus, em Cristo. Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele, no Amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo (Ef 1,3-5). É um texto para meditar muitas vezes.

Compreendo que o Papa São Leão Magno — como acima lembrei — não se cansasse de repetir, com um brado capaz de acordar as consciências adormecidas: “Reconhece, cristão, a tua dignidade! E, já que participas da natureza divina (2Pd 1,4), não voltes aos erros de antes... Lembra-te de que Cabeça e de que Corpo és membro [do Corpo místico de Cristo, da sua Igreja]. Recorda-te de que foste arrancado do poder das trevas e levado para a luz e o reino de Deus” (1º *Sermão de Natal*, 1-3).

Eu vos escolhi, e vos designei para irdes e dardes fruto. Ser cristão é uma vocação, e toda vocação é, ao mesmo tempo, uma missão. Numa única chamada, fundem-se a vocação para a santidade e a missão de dar fruto, ou seja, de sermos apóstolos que levem outras criaturas ao amor de Cristo.

Se formos fiéis à graça divina, recebida no Batismo e cultivada ao longo da vida, seremos capazes de ver o mundo e os outros com nova perspectiva: veremos com os olhos de Cristo, amaremos com o coração de Cristo, passaremos *fazendo o bem*, como Jesus o fez (cf. At 10,38).

Talvez se lembre do pensamento com que começa o livro *Caminho*, um pensamento que tem sido, para muitas almas em todo o mundo, ponto de partida de uma reviravolta, de uma conversão: “Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rasto. — Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor... E incendeia todos os caminhos da terra com o fogo de Cristo que levamos no coração”.

A vocação cristã — acabamos de ver — é chamada e missão. Que fazemos? Seria uma pena que Nosso Senhor, olhando para o que tem sido a nossa vida até agora, derramasse lágrimas, como o fez sobre Jerusalém, ao mesmo tempo que dizia: *Quantas vezes eu quis, e tu não quiseste!* (Mt 23,37).

Deus tem um “projeto” fecundo para cada um de nós, que nos vai dando a conhecer, de diversos modos, com a sua graça. Depende da nossa liberdade aceitá-lo, recusá-lo ou esquecê-lo. Se o aceitarmos, nos encontraremos a nós mesmos, porque caminharemos para a plenitude da nossa realização. Se o recusarmos, nos afundaremos na frustração, ficaremos vazios, seremos como uma árvore que podia ter dado muito fruto, mas, porque não quis, ficou estéril (cf. Mt 21,18-19).

Que frutos de santidade e de bondade, ou seja, frutos de bem feito aos outros, você já colheu até agora e pode ofertar a Deus? Frutos de amor, evidentemente, porque os frutos do egoísmo, por grandes que pareçam (fama, dinheiro, poder, triunfo, à margem de Deus), não são mais do que detritos que desaparecem no esgoto. Como dizia São João da Cruz: no ocaso da vida seremos julgados no Amor.

Procuramos fazer com calma um balanço sobre as luzes e graças de Deus que já sentimos que nos pediam algo, e, no entanto, desperdiçamos. Eram inspirações do Espírito Santo que falavam à nossa consciência: “Leve a sério a sua fé, procure responsabilmente a sua formação cristã, fale mais com Deus, reze, medite, leia...; preocupe-se de crescer no amor e nas virtudes; dedique-se mais à sua família, e a fazer o bem — material e espiritual — a tantas pessoas que você, se não estivesse tão absorvido por si mesmo, poderia ajudar”.

Veio-me às mãos, há pouco, a citação de um verso de um poeta norte-americano do século XIX. O tema do poema era: “Isso poderia ter sido” [*It might have been*]. Quantas coisas boas e belas poderiam ter sido, se você e eu desgrudássemos os olhos de nós mesmos, e os abrissemos para Deus e para o próximo. Coisas bem concretas, maravilhosas: “Isto poderia ter sido” – “Isto outro poderia ter sido” – “Aquilo poderia ter sido”... Deus queria. Dependia só de mim, da minha decisão generosa, da minha liberdade, mas...

Peça a Nossa Senhora: Minha Mãe, que eu veja — todos os dias! — a beleza da minha vocação cristã e da minha missão. Que, bem unido à Videira, que é Cristo, me decida a corresponder à graça de Deus para dar, assim, muito fruto (Jo 15,5).

Vigésima segunda meditação: “Se o mundo vos odeia...”

Jesus acaba de falar da grandeza da nossa vocação cristã, tema da última meditação e, de repente, parece que baixa sobre o Cenáculo uma nuvem escura, a envolver Jesus e os discípulos; porque Jesus fala com dor sobre uma realidade perversa: o mal que predomina no mundo.

Para prevenir os discípulos, diz-lhes: *Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo por isso vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: O servo não é maior que o seu Senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa* (Jo 15,18-20).

Quando Jesus fala do “mundo” — e fala muitas vezes, ao longo do Evangelho — mostra-nos, em primeiro lugar, o amor que Deus tem ao nosso mundo e, concretamente, às criaturas humanas. Depois da conversa com Nicodemos, declara: *Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele* (Jo 3,16-17).

Mas, ao mesmo tempo, Jesus sabe que Ele veio ao mundo para salvá-lo, porque o mundo estava perdido: desde o primeiro pecado, foi-se produzindo no mundo o que o *Catecismo da Igreja Católica* chama de “inundação de pecado”: do erro, do mal, do crime, da mentira (n. 401).

É esse “mundo” que Jesus nos adverte que não devemos amar. Não podemos adaptar-nos a certos parâmetros dominantes, aos hábitos mundanos que contrariam a lei de Deus. Pelo contrário, precisamos estar preparados para sofrer a aversão e a incompreensão de um “mundo” cego para as coisas de Deus.

Nós, cristãos, não queremos nem devemos brigar com ninguém. Queremos amar a todos, aos que pensam como nós e aos que pensam o contrário; aos que erram e aos que nos perseguem (hoje, na Ásia e na África, há tantos países em que se persegue de morte os cristãos!). Nosso Senhor nos ensinou a amar os inimigos, a amar a todos e procurar fazer-lhes o bem! Mas é inevitável que o fanatismo, ou a mentalidade pagã, materialista e hedonista, não combinem com os ideais cristãos.

Bento XVI referia-se a isso ao dizer: “Existem ambientes, e não são poucos, nos quais hoje se precisa realmente de muita coragem para se declarar cristão” (cf. *O sal da terra*).

Estão sendo espalhadas como verdades incontestáveis, e até legalmente aprovadas, uma série de deturpações e falsidades relativas ao ser humano, à dignidade da vida, ao matrimônio e à família, ao sexo, à vocação da mulher... E se difundem ofensas graves contra Cristo e sua Mãe santíssima. A história em geral, e a história da Igreja em particular, é substituída por “narrativas” em que a religião e a Igreja ficam pichadas e desclassificadas. Não é segredo para ninguém.

Podemos nos perguntar: Quem é que está por trás dessa tentativa de falsificação da realidade e dos desígnios de Deus sobre o mundo. Ouçamos Jesus.

Nos dias anteriores à Última Ceia, os diálogos de Cristo com os fariseus e sacerdotes que o queriam apanhar em falta, foram quase todos respostas a ciladas dos que buscavam pretextos para matá-lo. A esses, Jesus dizia-lhes com dor: *Por que não compreendeis a minha linguagem? É porque não podeis escutar a minha Palavra* (Jo 8,43-44).

Hoje, infelizmente, há muitas consciências deformadas, distorcidas, empenhadas em provar-se e provar aos outros que suas falsidades são verdades e o seus erros, acertos. Por isso, não toleram que se fale sobre a Verdade. *Não podeis escutar a minha palavra*, dizia-lhes Jesus. Têm a incapacidade de aceitar o que contraria as paixões negativas da sua alma. É a surdez moral, prato fino do Inimigo.

Jesus, com enérgica clareza, lhes diz: *Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio* (homicida, porque matou a vida da graça de Deus na alma dos primeiros pais), *e não permanece na verdade, porque nele não há verdade: quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira* (Jo 8,44).

É nesse sentido que o apóstolo João, na sua primeira Carta, pedia aos primeiros cristãos: *Não ameis o mundo, nem o que há no mundo* (o mundo da mentira e do pecado). *Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai.*

Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a cobiça dos olhos, o orgulho das riquezas, não vem do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa e as suas concupiscências, mas o que faz a vontade de Deus permanece eternamente (1Jo 2,15-17).

“O crime do século XIX — escreveu Ernest Hello — é o de não odiar o mal, e até lhe fazer propostas”. Isso que dizia do século XIX, pode-se dizer igualmente do nosso século XXI.

Por que Jesus nos alerta sobre essas coisas? Não para que caiamos no pessimismo, ou para que nos amedrontemos, mas para que nos decidamos a assumir a responsabilidade de ser o que Jesus nos pediu desde que começou a sua pregação: “*Vós sois a luz do mundo... Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo a vossas boas obras, glorifiquem o Vosso Pai que está nos Céus*” (Mt 5,14 e 16). É hora de assumir sem medo, com alegria irradiante, a grandeza da nossa vocação cristã.

É de uma plena atualidade este pensamento do livro *Caminho* (n. 301): “Um segredo. — Um segredo em voz alta: estas crises mundiais são crises de santos. — Deus quer um punhado de homens ‘seus’ em cada atividade humana. — Depois... *pax Christi in regno Christi* — a paz de Cristo no reino de Cristo”.

Para que isso tudo não fique em frases e teoria, veja o que, no mesmo livro, escreve São Josemaria: “Tens de comunicar a outros Amor de Deus e zelo pelas almas, para que esses, por sua vez, peguem fogo a muitos mais que estão num terceiro plano, e cada um destes últimos aos seus companheiros de profissão. De quantas calorias espirituais não precisas! — E que responsabilidade tão grande, se esfrias! E (nem o quero pensar) que crime tão horrroso, se desses mau exemplo” (n. 944).

Terminamos aqui a nossa meditação. Como vemos, se Jesus nos fala de uma realidade sombria, é porque deseja acender o pavio da nossa alma com uma chama muito forte. É como se nos dissesse: “Eu vos confio o mundo, confio que vocês serão *como astros no mundo, mensageiros da Palavra da vida (Fl 2,15-16)*”. Que a Virgem fiel nos ajude.

Vigésima terceira meditação: “Dareis testemunho de mim”

No final do capítulo 15º do Evangelho de São João, que estamos meditando passo a passo, Jesus fala pela terceira vez da promessa do Espírito Santo: *Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o começo (Jo 15,26-27).*

Vós também dareis testemunho! Vamos fazer um pouco de oração, meditando sobre esta frase: *Vós dareis testemunho*, testemunho do Salvador, de Jesus Cristo.

Impressiona muito verificar — nos Atos dos Apóstolos — a alegria e o entusiasmo com que, depois da vinda do Espírito Santo, os Apóstolos dão testemunho de Cristo.

No próprio dia de Pentecostes, São Pedro dirige-se em voz alta a uma multidão que tinha acorrido para perto do Cenáculo, onde o Espírito Santo irrompera com som de vendaval e em forma de línguas de fogo. Eram gentes de todo o mundo, que foram a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa.

Pedro, cheio de coragem, anuncia-lhes Cristo, o Messias; e, no final de um ardente e denso discurso, conclama a todos: *Saiba portanto, toda a Casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus constituiu Senhor e Cristo esse Jesus que vós crucificastes* (At 2,36).

Pouco depois, Pedro e João são presos em Jerusalém e, após uma noite no cárcere, são conduzidos à presença do Sinédrio, dos chefes dos sacerdotes, dos anciãos e dos escribas. Esses membros do mais alto tribunal dos judeus *proibiram-lhes absolutamente falar ou ensinar em nome de Jesus. Pedro e João responderam: “Julgai se é justo aos olhos de Deus, obedecer mais a vós do que a Deus. Pois é impossível deixarmos de falar das coisas que temos visto e ouvido”* (cf. At 4,1-22).

Lembra-se do testemunho comovente que deixou São João quando tinha perto de cem anos de idade? *O que era desde o princípio, o que ouvimos e vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam do Verbo da Vida, o que vimos e ouvimos, nós vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco, e a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo, isto vos escrevemos para que a vossa alegria seja completa* (1Jo 1,1-4).

A nós, também, Nosso Senhor nos diz: *Ide pelo mundo inteiro... Sereis as minhas testemunhas até os confins da terra* (Mc 16,15; At 1,8).

Talvez alguém possa objetar: “Mas os apóstolos davam testemunho porque viram e ouviram Jesus, conviveram com ele, guardavam lembranças de momentos inesquecíveis, das palavras dele, do calor de seu carinho...”.

A essa objeção é lógico responder: “Lembre que os apóstolos só começaram a dar testemunho depois de receberem, em Pentecostes, o Espírito Santo, a *força do Alto*” (Lc 24,49). E nós? Nós recebemos o Espírito Santo pela primeira vez no dia do nosso Batismo. Depois, a ação do Espírito Santo tem sido uma fonte constante de graças: por meio da Palavra de Deus, dos Sacramentos (Crisma, Confissão, Eucaristia, Matrimônio...), da oração, da formação... Se nós não nos fechamos a esses *rios de água viva* (Jo 7,38-39), podemos ser as testemunhas que Cristo deseja, e de que o mundo precisa terrivelmente.

Temos o dever, sim, de sermos testemunhas de Cristo no mundo, com o nosso exemplo, e também com a nossa palavra, falando: por isso Deus nos deu a língua.

De que mais precisamos para sermos boas testemunhas? Em poucas palavras: precisamos de *doutrina* e de *piedade*.

Ter doutrina significa conhecer a vida, o exemplo, as palavras, o ensinamento de Cristo. Ele confiou esse tesouro à sua Igreja, e a Igreja o vem transmitindo e aprofundando ao longo de mais de dois milênios. Para ser assimilada, a doutrina precisa, primeiro, de ser conhecida; depois, de ser meditada e assumida; e enfim de ser experimentada com a vida. Quem a conhece e experimenta, entusiasma-se, e sente-se impelido a compartilhar, a comunicar esse imenso bem.

A *piedade* é o relacionamento filial, amoroso, com Deus; é a amizade com Cristo, sobre a qual já meditamos; é o trato familiar com Jesus, na oração e na Eucaristia. É a intimidade com o Espírito Santo, que habita no templo do nosso coração, se vivemos na graça de Deus.

Alguns somente têm doutrina. Não são almas de vida interior, não são almas de oração. Podem ser grandes teólogos, grandes pregadores, mas destrincham uma doutrina fria, que não chega a ninguém; como se estudassem friamente um personagem do passado, como se fizessem a dissecação de um cadáver, em vez de uma contemplação amorosa do Cristo real, que vive, e é o *mesmo ontem, e hoje, e por toda a eternidade* (Hb 13,8). Esquecem que só conhecemos mesmo aquilo que amamos.

Mas, também, a piedade sem a doutrina nos deixa reduzidos a um sentimentalismo superficial, à perfumaria emotiva, que pinta de cor de rosa uma boa vontade unida a uma enorme ignorância. Repito que, sem conhecer a fundo, não se pode amar de verdade. Só unindo doutrina e piedade é que podemos “testemunhar”.

No dia 2 de junho de 1974, solenidade de Pentecostes, São Josemaria Escrivá presidia a um encontro com centenas de pessoas, no auditório do Edifício Mauá, na praça João Mendes de São Paulo. Alguém perguntou sobre o dever de fazer apostolado. A resposta foi esta:

“Todos os cristãos temos a obrigação de ser apóstolos. Todos os cristãos temos a obrigação de levar o fogo de Cristo a outros corações. Todos os cristãos temos que fazer com que se alastre a fogueira da nossa alma.

“Olhe, você e eu somos pouca coisa... No fundo do meu coração, vejo-me como uma espécie de nada. Vamos dizê-lo com uma comparação: vejo-me a mim mesmo como um carvão que nada vale: preto, escuro, feio... Mas o carvão, metido no fogo, se acende e se converte numa brasa: parece um rubi esplêndido. Além disso, dá calor e luz: é como uma joia reluzente. E caso se apague? Outra vez carvão! E caso se consuma? Um punhadinho de cinza, nada.

“Meu filho, você e eu temos de inflamar-nos no desejo e na realidade de levar a luz de Cristo, a alegria de Cristo, as dores e a salvação de Cristo a tantas almas de colegas, de amigos, de parentes, de conhecidos, de desconhecidos – sejam quais forem as suas opiniões em coisas da terra –, para dar a todos um abraço fraterno. Então, seremos rubi aceso, e deixaremos

de ser esse nada, esse carvão pobre e miserável, para sermos voz de Deus, luz de Deus, fogo de Pentecostes!”

Poucos dias antes, São Josemaria falava a um grupo de mulheres do Opus Dei na Casa do Moinho, centro de encontros e retiros. Acabava de celebrar a cerimônia da dedicação do altar da capela. Ao terminá-la, dirigiu-se às assistentes, com as quais ia ter a seguir um encontro de formação: “Eu lhes poderei dar algum conselho, encher-nos-emos de mais amor ao Senhor e a sua Mãe, Santa Maria, e pediremos a Jesus Senhor nosso e à sua Mãe Santíssima que é Mãe nossa, que nesta Terra de Santa Cruz irrompa esse vulcão de Amor, e vocês possam ser bons instrumentos de santificação, de paz, de alegria e de trabalho.”

Terminando esta meditação, peçamos a Deus, pela intercessão da Virgem Santíssima, que se possa dizer de nós que nos esforçamos por ser bons instrumentos do Espírito Santo, por sermos brasas que emitem luz e calor, a fim de que, por nosso intermédio, a Luz e a Vida de Cristo atinjam muitas almas.

Vigésima quarta meditação: “Não vos escandalizeis”

O capítulo 16º do Evangelho de São João, que agora começamos a comentar, inicia-se com o anúncio das perseguições que os cristãos vão sofrer desde o primeiro momento.

Expulsar-vos-ão das sinagogas — anuncia-lhes Jesus —; e mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus. E isto farão porque não conheceram o Pai nem a mim (Jo 16,2-3).

No Sermão da Montanha, bem nos primórdios da sua pregação, Jesus chamava bem-aventurados os que iam sofrer perseguição por causa da justiça (Mt 5,10), isto é, pela sua fidelidade a Deus e aos seus mandamentos.

Os primeiros capítulos da história do cristianismo foram escritos com a pregação e o martírio dos apóstolos. Deram testemunho com a fé e o sangue. Primeiro foram as perseguições em Jerusalém, onde foi morto Tiago, irmão de João. Depois veio a longa gesta de sangue promovida pelas perseguições do Império Romano. Nunca cessaram nem as perseguições nem o testemunho maravilhoso dos mártires (pense nos mártires do Japão, da China, de Uganda, etc.). O Papa Francisco lembrava que, nos séculos XX e XXI, o número de cristãos que deram a vida pela fé, torturados e mortos pelo nazismo, pelo comunismo, pelo islamismo jihadista, é muito superior à soma dos mártires dos três primeiros séculos do cristianismo.

Esses mártires, com a sua vitória, nos falam: Por Deus, por Cristo, vale a pena dar a vida. Antes que ofender a Deus, antes que perder Deus, antes que perder o amor de Cristo e a esperança da vida eterna, é preferível morrer! Os mártires são as grandes testemunhas (você sabe que “mártir” é palavra grega, que significa testemunha). Eles nos mostram que a fidelidade à fé e à moral

evangélica, ou seja, a autêntica fidelidade ao Amor de Deus é um bem muito superior a todos os bens da terra.

São João Paulo II, na sua Encíclica *O Esplendor da Verdade*, sobre os fundamentos da moral cristã, diz o seguinte: “A Igreja propõe o exemplo de numerosos santos e santas, que testemunharam e defenderam a verdade moral até o martírio ou preferiram a morte a um só pecado mortal. Elevando-os à honra dos altares, a Igreja canonizou o seu testemunho, e declarou verdadeiro o seu juízo, segundo o qual o amor de Deus implica obrigatoriamente o respeito dos seus mandamentos, inclusive nas circunstâncias mais graves, e a recusa de atraindo-os, mesmo com a intenção de salvar a própria vida” (n. 91).

Como isso nos faz pensar! Com que facilidade fazemos passar desejos e escolhas de pouca importância à frente dos mandamentos da lei de Deus. Acaba-se achando, assim, justificado qualquer pecado. Às vezes, até barbaridades como o aborto.

Nos nossos dias temos exemplos belíssimos de santos mártires. Quero lembrar agora apenas dois casos.

O primeiro é do bispo vietnamita François Xavier Nguyen Van Thuân, perseguido pelo governo comunista. Esteve preso durante treze anos, nove dos quais isolado numa cela em que só podia respirar colando a boca à fresta de baixo da porta, porque não tinha janela ou ventilação alguma.

Num livro simples, publicado no Brasil pela Editora Santuário com o título “Cinco Pães e Dois Peixes”, ele conta seu cativeiro com muita serenidade, com muita fé; com um amor aos inimigos que chegou a comover os guardas da prisão e, depois, vários do campo de “reeducação” comunista.

Quando faleceu, o Papa João Paulo II falou, na Missa de exéquias: “O seu segredo era uma confiança indômita em Deus, alimentada pela oração e pelo sofrimento aceito com amor. Na prisão, celebrava cada dia a Eucaristia, com três gotas de vinho [conseguido da família em conceito de medicamento], e uma gota de água na palma da mão. Esse era o seu altar, a sua catedral. O Corpo de Cristo era o seu remédio, por isso ele narrava com emoção: ‘Todas as vezes, eu tinha a oportunidade de estender as minhas mãos e de me cravar na Cruz, juntamente com Jesus, de beber com Ele o Cálice mais amargo. Em cada dia, recitando as palavras da Consagração, confirmava com todo o meu coração e com toda a minha alma um novo pacto, uma aliança eterna entre mim e Jesus, mediante o seu sangue que se misturava ao meu. Eram — dizia o arcebispo mártir — as mais belas Missas da minha vida!’”.

E o segundo caso que eu queria comentar é aquele que foi objeto de um belo filme, “Homens e Deuses”: o martírio dos sete monges trapistas do Mosteiro de Nossa Senhora do Atlas, na Argélia. Foram sequestrados por um comando radical islâmico e decapitados em 21 de maio de 1996.

Algum tempo antes do martírio, o abade do mosteiro, nascido na Argélia de família francesa, Christian de Chergé, redigiu um testamento espiritual. Entre outras coisas, dizia: “Se algum dia me acontecesse ser vítima do

terrorismo, eu queria que a minha comunidade, a minha Igreja, a minha família, se lembrassem de que a minha vida estava entregue a Deus e a este país. Peço-lhes que rezem por mim. Como posso ser digno desta oferenda? Eu desejaria, ao chegar esse momento da morte, ter um instante de lucidez tal, que me permitisse pedir o perdão de Deus e dos meus irmãos, os homens, e perdoar eu, ao mesmo tempo, de todo o coração, aos que me tiverem ferido. Se Deus o permitir, espero poder mergulhar o meu olhar no olhar do Pai, e contemplar assim, juntamente com Ele, os seus filhos do Islã tal como Ele os vê; que os possa ver iluminados pela glória de Cristo, fruto da sua Paixão, inundados pelo dom do Espírito... Por essa minha vida perdida, totalmente minha e totalmente deles, dou graças a Deus”.

Finalmente, dirigindo-se ao seu futuro assassino, escrevia: “E a ti também, meu amigo do último instante, que não sabias o que estavas fazendo, também a ti dirijo essa ação de graças..., e peço a Deus que nos seja concedido reencontrar-nos no Céu, como ‘bons ladrões’, felizes no Paraíso, se assim Deus Pai nosso, teu e meu, o quiser. Amém! Im Jalláh!”.

Façamos um confronto entre essas almas de fé, de amor, de serenidade, e as nossas concessões, as nossas queixas por qualquer coisa, e as nossas críticas à religião, à fé, à Igreja!

Que Nossa Senhora nos ajude a descobrir o que queria dizer Jesus, quando falava à Marta, no lar de Betânia: *Marta, Marta, tu te inquietas e te afadigas por muitas coisas, entretanto uma só coisa é necessária. Maria* [a irmã que, aos pés de Jesus, escutava as suas palavras] *escolheu a melhor parte que não lhe será tirada* (Lc 10,41-42).

Vigésima quinta meditação: A tristeza que se torna alegria

Vários trechos do capítulo 16º de São João, que estamos meditando, já foram citados e glosados em meditações anteriores. Vamos agora, fixar a atenção nas seguintes palavras de Jesus:

Agora, porém, vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunta: ‘Para onde vais?’. Mas porque vos disse isso, a tristeza encheu os vossos corações (Jo 16,5-6).

Nosso Senhor, nessa longa conversa da Última Ceia, faz contínuas referências à sua partida, e os apóstolos ficam tristes. O tom de despedida vai se acentuando. No mesmo capítulo lemos estas palavras: *Em verdade, em verdade vos digo, um pouco de tempo e já não me vereis... Chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, nasce a criança ela já não se lembra mais dos sofrimentos pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria* (Jo 16,19-22).

A imagem da mãe que está para dar à luz é maravilhosa. Ela sabe que vai sofrer e que, depois, a vida vai ser mais sacrificada, porque filho dá trabalho; mas abraça o sacrifício por amor ao filho e, quando nasce, extasia-se, feliz, disposta a tudo por aquele bebê que tem nos braços.

Essa comparação encerra uma verdade cristã muito importante. Só quando abraçamos a dor e o sacrifício por amor, achamos a alegria no seu grau mais alto. Mas... o egoísmo é poderoso. Faz-nos fugir da cruz, de tudo o que comporta sacrifício e dor: do que exige renúncia, aceitação das dificuldades e de atos de entrega pessoal, que são imprescindíveis para aprender a amar e amadurecer no amor.

Pode ser um bom exame de consciência sobre o nosso egoísmo pensar se, com frequência, nos fazemos estas ou parecidas perguntas:

— Por que eu devo ser o primeiro a dar o perdão, se quem provocou tudo é essa outra pessoa? Por que não ele, que começou?

— Por que eu tenho que ajudar nessa tarefa? Não é da minha responsabilidade direta...

— Por que eu vou agora adiantar-me a prestar um favor, ou a fazer boa cara, ou a iniciar uma conversa afetuosa, se a outra pessoa não corresponde, e já tentei outras vezes...?

— Por que eu vou renunciar a um plano agradável que já fiz, um plano que não prejudica ninguém, só porque vi que poderia dedicar esse tempo a ajudar uma pessoa mais necessitada?

Quantas vezes nós não temos formulado intimamente essa espécie de desculpas, abafando um ato de amor ao próximo, de generosidade, de serviço que começava a despontar na nossa consciência?

Estamos num mundo em que o hedonismo e o egoísmo lançam aos gritos este protesto: “Abaixo a cruz! Apaguemos a cruz, o sofrimento, a doação, o sacrifício sem prazer nem compensação (sem o prazer da glória e da ambição pessoal, sem o prazer da posse, da vaidade corporal, da vaidade profissional, da vaidade esportiva...)”.

Que pena! Que pena que essa seja a cultura dominante em muitos ambientes. Procuramos com ânsia o bem-estar e o que colhemos é a insatisfação, o mau humor, a servidão a vícios e paixões vergonhosas (cf. Rm 1,24-27).

São Paulo escrevia com lágrimas sobre os que pensavam assim: *Há muitos, dos quais muitas vezes eu vos disse, e agora repito chorando, que são inimigos da cruz de Cristo: seu fim é a destruição, seu deus é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso, e seus pensamentos no que está sobre a terra.*

Ele mesmo, Paulo, pelo contrário, podia dizer, feliz, aos Gálatas: *Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim* (Gl 2,18-20).

Que engano grassa no mundo, também entre os cristãos! Pela cegueira de não ver que o amor até a cruz é o caminho da felicidade profunda; já aqui na terra, não só depois, na eternidade do Céu.

“A alegria floresce na ponta da doação — escrevia Michel Quoist —, mas a doação exige esquecer-se de si, morrer ao egoísmo. A alegria é a vida que se encontra quando aceitamos dar a vida. Junto de Cristo, o mistério da alegria é o mistério da ressurreição” (*Construir o homem e o mundo*, p. 80).

Relia há pouco o famoso poema “Mar Português”, do livro “Mensagem” de Fernando Pessoa. Fala dos grandes navegadores portugueses, e pergunta: “Valeu a pena? Tudo vale a pena, se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor”.

O Bojador, como você talvez saiba, é um cabo na África Ocidental que, durante séculos, foi chamado “o cabo do medo”, porque, por diversas circunstâncias, os navios que tentavam ultrapassá-lo para contornar a África pelo sul, naufragavam. Em 1432, o navegador português Gil Eanes achou o caminho para contornar os perigos desse cabo, e assim abriu-se a possibilidade da lendária epopeia dos portugueses, cantada por Camões: de Vasco da Gama e tantos outros que levaram as naus de Portugal, até à Índia, até o extremo Oriente.

Nós todos temos os nossos “cabos Bojador”, onde encalhamos e deixamos morrer nossos melhores ideais. São “cabos do medo”, do medo de sacrificar-nos para passar além da mediocridade e da acomodação: “Isso não é para mim, é para outros”.

Quando ficamos aquém dos nossos “bojadores”, a voz de Deus no fundo da alma nos pergunta: “Por que não você? Por que não já? Por que não isso?”

Por que não “isso”? Essa pergunta me faz pensar na história daquele menino que, todos os dias, fazendo as orações com a mãe, rezava a consagração breve a Nossa Senhora: “Ó Senhora minha, ó minha Mãe! Eu me ofereço todo a vós, e em prova da minha devoção para convosco, vos consagro neste dia meus olhos, meus ouvidos, minha boca, meu coração e inteiramente todo o meu ser...”. Ao chegar a esta frase, o menino interrompia a mãe e dizia: “Menos o meu coelhinho!”

Qual é o nosso “coelhinho”? No dia em que o entregarmos a Deus, veremos florescer uma alegria nova, que caminha para ser a que Jesus promete: *Ninguém vos tirará a vossa alegria* (Jo 16,22).

Vamos terminar aqui esta meditação. Não se esqueça do exemplo da Mãe. Aprenda de Nossa Senhora que dizer “sim” a Deus e ter a coragem de passar “além do Bojador” é a fonte das alegrias mais puras que podemos ter nesta vida.

Vigésima sexta meditação: “Ele vos guiará à verdade completa”

Como já vimos em algumas das meditações anteriores, a promessa do Espírito Santo é um tema recorrente na conversa de Cristo com os apóstolos durante a Última Ceia. É algo que tem muito dentro do coração: a alegria de saber que, como fruto do seu Sacrifício redentor, poderá enviar da parte do Pai o Espírito Santo.

Continuando com o capítulo 16º do Evangelho de João, vamos meditar agora nas seguintes palavras de Jesus: *Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreendê-lo. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará à verdade completa, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará, pois receberá do que é meu, e vo-lo anunciará* (Jo 16,12-14).

A vinda do Espírito Santo foi o início da vida da Igreja, e, com ela, foi o início daquela Vida nova, com maiúscula — a vida da graça —, conquistada para nós por Cristo na Cruz.

Todos, absolutamente todos os batizados recebem essa Vida. Mas é importante perceber que Jesus faz finca-pé em que o Espírito Santo assistirá e guiará de um modo especial os Apóstolos e os seus sucessores, que são o Papa e os Bispos em comunhão com a Sé de Pedro.

Vale a pena lembrar quais foram as primeiras palavras que Cristo ressuscitado dirigiu aos apóstolos, quando apareceu pela primeira vez no meio deles no Cenáculo. Depois de lhes dizer “*A paz esteja convosco*”; e de lhes mostrar, como certidão de identidade, as feridas das mãos, dos pés e do peito, disse-lhes: “*Como o Pai me enviou também eu vos envio*”. Dizendo isto, soprou sobre eles e lhes disse: “*Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles aos quais não perdoardes, ser-lhes-ão retidos*” (Jo 20,21-23).

Eles vão continuar, ao longo da história, a Missão do Salvador, como instrumentos vivos de Cristo redentor. Como lembrava o Papa Francisco: “É Cristo que guia a Igreja através do seu Espírito. O Espírito Santo é a alma da Igreja, com a sua força vivificante e unificadora: faz de muitos um só Corpo, o Corpo Místico de Cristo” (15/03/2013). A cabeça desse Corpo é Cristo. Por isso, Santo Agostinho dizia que a Igreja é “o Cristo total”.

É bonito pensar que a fé dos santos, por simples que sejam, capta, pela luz do Espírito Santo, as verdades mais altas. Santa Joana d’Arc, naquele processo injusto que a levou à fogueira, quando lhe perguntavam o que pensava sobre a Igreja, respondeu: “Penso que Jesus Cristo e a Igreja são uma só coisa, e que não se deve fazer objeção a isso” (*Atas do processo*).

Essa é a segurança de todos nós, os que somos membros da Igreja. São Tomás de Aquino afirma que Cristo sempre age pelo Espírito Santo. É o que vemos no texto de São João que agora meditamos. Jesus dizia: *Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas agora não as podeis compreender*. “Se falasse agora — antes de vocês receberem a luz do Paráclito, não captariam. Mas eu continuarei falando de outra forma, enviando-vos o Espírito da Verdade, que vos guiará à verdade completa”.

Na Igreja, os homens que a integram podem falhar, ser infiéis, dar maus exemplos. Todos os seres humanos somos frágeis e temos toda a razão ao pedirmos a Nossa Senhora: “Rogai por nós, pecadores”, mas Deus não é frágil e o Espírito Santo assiste com sua luz divina a Igreja.

O Magistério *autêntico* da Igreja — o do corpo episcopal unido sempre à sua cabeça, o Papa —, tem a missão de manter e aprofundar cada vez mais, com o auxílio do Espírito Santo, a única Verdade cristã, a que Cristo pregou e os apóstolos difundiram pelo mundo. Uma verdade que nunca se esgota nem se altera, pois mantém-se intacto o mesmo sentido e a mesma interpretação de todas as verdades da fé católica.

Por isso, o ensinamento autêntico da Igreja é, para nós, uma rocha segura, em que a nossa fé e a nossa vivência cristã se podem apoiar.

Uma coisa é o Magistério autêntico, e outra completamente diferente as opiniões de tal ou qual teólogo, de tal ou qual pastor, que fala por conta própria e pode ensinar doutrinas duvidosas e, infelizmente, por vezes completamente errôneas.

Para dar-nos a segurança da rocha, São João Paulo II nos ofereceu um tesouro de doutrina: *O Catecismo da Igreja Católica*. Ao apresentá-lo, afirmava que este é “o referencial seguro da fé e da moral para os católicos”.

Não sente vontade de agradecer a Deus, de lhe dizer: “Obrigado, Senhor, porque não nos deixaste como ovelhas sem pastor; obrigado, meu Deus, porque não nos deixaste na penumbra, porque não nos abandonaste na noite das nossas confusões, das nossas ignorâncias, das opiniões desencontradas dos falsos doutores que semeiam confusão, mas nos deste a luz clara, a luz que não falha — mesmo que falhem, às vezes, os que deveriam proclamá-la —, uma luz que atravessou mais de dois mil anos, e atravessará os anos que restem até o fim do mundo!”?

Como é bonito o que dizia um poeta francês, convertido, Paul Claudel: “Seja louvada para sempre essa grande Mãe Majestosa — a Santa Igreja Católica —, sobre cujos joelhos eu aprendi tudo”.

Creio que vai gostar de ler um texto, em forma de oração, que Henri de Lubac dedica à Igreja no seu livro *Meditações sobre a Igreja*:

“Louvada sejas, Mãe do belo amor, do temor salutar, da ciência divina e da santa esperança! Sem ti, os nossos pensamentos ficam dispersos e flutuantes; tu os ligas num feixe robusto; tu dissipas as trevas onde cada um de nós, sem reparar, se extravia, onde se desespera, onde tristemente amesquinha o romance do infinito à sua pobre medida. Sem nos desencorajares de tarefa alguma, tu nos guardas dos mitos enganadores, tu nos poupas aos desvios e às decepções de todas as igrejas feitas pela mão do homem...”.

Terminamos hoje esta nossa meditação agradecendo a Deus que Jesus continue a viver, a nos falar, a nos amparar e a nos infundir a luz da Verdade e da Vida divina por meio do Espírito Santo, que age na Igreja e a guarda.

Peçamos a Nossa Senhora, Mãe da Igreja, que aumente em nós o amor sobrenatural à Igreja fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo e sempre assistida e iluminada pelo Espírito Santo.

Vigésima sétima meditação: “O próprio Pai vos ama”

Quase no final do diálogo de Jesus com os apóstolos na Última Ceia, o Senhor disse as seguintes palavras: *Chega a hora em que não vos falarei mais em figuras, mas claramente vos falarei do Pai. Nesse dia pedireis em meu nome e não vos digo que rogarei ao Pai por vós, pois o próprio Pai vos ama, porque me amastes e crestes que vim de Deus. Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai* (Jo 16,25-28).

Foi longo o encontro de Jesus com os apóstolos no Cenáculo. Agora já está dizendo as últimas palavras. Faltam poucas horas para que comecem os horrores da Paixão.

Nesta despedida, os apóstolos estão com medo, desnorteados, ansiosos. Muitas das coisas que Jesus lhes tinha dito, eles não acabavam de compreendê-las. Pois bem, é nesse clima de expectativa e receio que Jesus lhes acende no coração uma luz, como uma estrela brilhante que deverá guiá-los sempre. O brilho dessa estrela se encerra nestas palavras: *O próprio Pai — Deus Pai — vos ama.*

Nós sabemos pela fé que Deus é Amor, e que é nosso Pai. Portanto, que é um Pai que nos ama. Mas será que assimilamos vitalmente essa verdade? Como é a nossa fé de filhos de Deus? Algum dia você chegou a vislumbrar, como uma espécie de clarão feliz, esse amor de Deus Pai que nos envolve, nos abraça, nos ilumina, nos conforta?

São João, já bem velho, exprimia essa certeza do amor do Pai com o ardor de um adolescente apaixonado: *Vede que prova de amor nos deu o Pai, que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos!... Caríssimos, desde já somos filhos de Deus! Mas ainda não se manifestou o que seremos. Sabemos que seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como Ele é* (1Jo 3,1-2). Essa foi sempre a fé dos santos.

Muitas pessoas enxergaram melhor esta verdade ao fazerem meditação sobre o número 267 do livro *Caminho*, que é reflexo autobiográfico da fé do autor, São Josemaria Escrivá: “É preciso convencer-se de que Deus está junto de nós continuamente. — Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado.

“E está como um Pai amoroso — quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos —, ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoadando...”

“Necessário é que nós embebamos, que nos saturemos de que Pai e muito e muito Pai nosso é o Senhor que está junto de nós e nos Céus”.

Você não sente a necessidade de pedir a Deus, mais luz, mais fé? Para que possa experimentar a beleza e a grandeza da filiação divina. Será que temos aquela certeza de São João: “Agora somos filhos de Deus! Nós o somos mesmo!!!”.

Como será maravilhoso que, como fruto dessa fé, possamos algum dia apalpar, viver, a alegre experiência de São Paulo, quando escrevia aos Efésios: *Sede imitadores de Deus como filhos muito amados, e andai no amor (Ef 5,1-2)*. E chegarmos à firme convicção que levava o mesmo apóstolo a escrever aos Romanos: *Nós sabemos que Deus faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que o amam (Rm 8,28)*.

É o mistério da divina Providência. São Paulo diz-nos que, na vida de um bom filho de Deus, o Senhor encaminha “tudo” para o seu bem. “Tudo”: o que nós chamamos bom e o que nós chamamos mau; o que nós chamamos horrível e o que nós chamamos maravilhoso; o que chamamos vida e o que chamamos morte. A única condição é amar, ser “daqueles que amam a Deus”.

Quando se tem essa fé, apalpa-se que o mistério da Providência paternal de Deus não é um conto de fadas. É um otimismo sólido, sobrenatural — fruto da fé —, que pode fazer do cristão uma alma serena, mesmo em meio à dor, ao drama, às lágrimas.

Se na minha vida há sofrimentos e adversidades, não é porque Deus se tenha esquecido de mim, ou porque me tenha abandonado, é porque está me aproximando cada vez mais de seu Filho Jesus, porque está — ainda que eu não o entenda — me associando carinhosamente à missão salvadora de seu Filho muito amado (cf. *Cl 1,24*). Portanto, se Deus me faz participante da Paixão de Jesus, é porque confia em meu amor, é porque quer me conduzir a uma alegria que não é humana, mas divina, inefável; uma alegria e uma paz que poderei experimentar aqui, e depois, na eternidade.

Três meses antes de falecer, São Josemaria celebrou o Jubileu de Ouro, os cinquenta anos da sua ordenação sacerdotal. Na véspera do aniversário, falando com Jesus diante do Sacrário, fazia um retrospecto de toda a sua vida sacerdotal: “Ajudai-me — dizia aos que o acompanhavam — a dar graças a Nosso Senhor, por esse cúmulo imenso, enorme, de favores, de providência, de carinho..., de pauladas, que também são carinho e providência... Senhor, aumenta-nos a fé!”.

Contemplando a sua vida em perspectiva, continuava: “Um olhar para trás... Um panorama imenso: tantas dores, tantas alegrias... E agora tudo alegrias, tudo alegrias... Porque temos a experiência de que a dor é o martelar do Artista, que quer fazer de cada um, dessa massa informe que nós somos, um crucifixo, um Cristo, um outro Cristo. É isto que temos que ser. Senhor, obrigado por tudo, muito obrigado!”.

Peçamos a Nossa Senhora que aumente a nossa fé na divina Providência, que sejamos daqueles filhos de Deus de que fala São Paulo, na Carta aos Gálatas e na Carta aos Romanos, em cuja alma o Espírito Santo faz clamar jubilosamente: *Abá, Paí! — “Papai!” (Gl 4,6; Rm 8,15)*.

Vigésima oitava meditação: “Coragem, eu venci o mundo”

Na meditação anterior, víamos os apóstolos com o coração apertado, porque Cristo lhes falava de despedida e de perseguições.

Agora, nesse final do capítulo 16º do Evangelho de São João, Jesus dá-lhes um último motivo de confiança: *Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!* (Jo 16,33).

Jesus não lhes diz: “Vai haver dificuldades, mas sejam fortes, vocês podem vencer”. Não. Ele diz: *Eu venci o mundo*. Ele, Jesus, venceu o mal do mundo, venceu o diabo, venceu o pecado, venceu a morte. E essa vitória de Cristo é uma vitória *para todos os que permanecem no seu amor* (Jo 15,9) e procuram abrir a alma à graça divina.

Quarenta dias depois da Ressurreição, no dia da Ascensão, Jesus vai mostrar aos apóstolos o panorama do mundo inteiro ao qual Ele os envia: *Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda criatura* (Mc 16,15); e lhes fará uma promessa: *Eis que eu estou convosco todos os dias até o fim dos séculos* (Mt 28,20).

Com estas palavras de Jesus, parece que ecoam no nosso coração as palavras do Salmo: *Animai-vos, sede fortes de coração, todos vós, que esperais no Senhor* (Sl 31,25). A esperança não é esperança em nós, é esperança em Deus-Pai, é esperança em Cristo, é esperança na graça do Espírito Santo.

Alguns de vocês, menos jovens, devem lembrar-se de que São João Paulo II iniciou o seu pontificado dizendo com muita força umas palavras que ecoaram no mundo inteiro: “Non abbiate paura! — não tenhais medo —, abri as portas a Cristo!”

Anos depois explicava: “Por que não devemos ter medo? Porque o ser humano foi redimido por Deus... Não tenham medo! *Deus amou tanto o mundo que entregou o Filho Unigênito* (cf. Jo 3,16). Este Filho continua na história da humanidade como Redentor. A redenção perpassa toda a história do ser humano... É a luz que resplandece nas trevas. O poder da Cruz de Cristo e da sua Ressurreição é maior do que todo o mal de que o homem poderia e deveria ter medo”.

Posteriormente, o Papa Bento XVI renovava esse apelo, dizendo que, para o nosso tempo, “são precisos homens e mulheres que alimentem uma grande esperança e, por isso, possuam uma grande coragem”.

Em 2013, o Papa Francisco, por ocasião da Semana Mundial da Juventude, nos animava em Aparecida a sermos “luzeiros de esperança”, a “deixar-nos surpreender por Deus..., pelo seu amor... Confieemos em Deus!” (24/07/13).

Lembra-me agora um poeta católico — Carles Riba —, que escrevia: “Viver é abrir-se sem cessar para a esperança”. Uma esperança que nos faz fortes, com a fortaleza de Deus. Fortes tanto para as nossas lutas interiores, como para enfrentar os obstáculos e perigos que vamos encontrar inevitavelmente na vida.

Um filho de Deus não se sente nunca em “fim de linha”, nem sequer na hora da morte, porque a morte não é o fim, é o começo de uma eternidade feliz!

Nunca estamos num beco sem saída, porque Deus, para aqueles que têm fé, abre portas em todos os becos e em todos os muros.

É importante não desanimar. A esperança é tradicionalmente chamada “a virtude do caminhante”: daquele que não para, que sempre avança, mesmo que, no caminho, tropece e, às vezes, se machuque.

Para viver a virtude da esperança é imprescindível ter a humildade de aceitar as nossas pequenas ou grandes derrotas, os nossos fracassos. E, sem desanimar, recomeçar centenas de vezes, se preciso, nos mesmos propósitos, nos mesmos ideais, nos mesmos objetivos, nas mesmas metas... Isso é viver o que o Livro da Sabedoria, no Antigo Testamento, chama: *uma esperança cheia de imortalidade* (Sb 3,4).

Há uma ideia do Papa Francisco que, além de certa, é muito bonita: ter confiança não é só sentir confiança em Deus, mas é ter a certeza de que Deus confia em nós. Realmente, mais bonito que dizer “Eu confio em Deus”, é dizer: — Eu, que não posso confiar nas minhas pobres forças, estou contente, alegre, porque sei que Deus confia em mim, como confiou nos apóstolos, mesmo sabendo que o negariam, que fugiriam na hora da maior dificuldade. O Senhor ofereceu-lhes a sua vitória: depois da Ressurreição, falou com eles com uma enorme confiança; considerava-os capazes, se unidos a ele, de amar e de fazer tudo o que Deus esperava deles.

Essa é a vitória que vence o mundo, a nossa fé, dizia São João (1Jo 5,4). Peçamos a Nossa Senhora, que invocaremos a partir de agora, na ladainha, como *Mater Spei, Mãe da Esperança*, que mantenha sempre acesa na nossa alma a chama da coragem que Cristo nos quer infundir. Que sejamos perseverantes, sem que nada nos roube as certezas que Cristo plantou no nosso coração.